

Revista  
**Presença**



ANO XXI - Nº 35 - ÓRGÃO OFICIAL DO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA E DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ - TERESINA, 1º SEMESTRE / 2006  
Fneas Barros · Fontes Ibiapina · Cinzas Santos · Celso Barros · Diva Universitária · Enniseca Meto · José Elias Araújo Leão

# EDITORIAL |

Revista PRESENÇA

# editorial

"De São Gonçalo, Saraiva buscou o porto próximo de São Francisco, donde alcançou a vila do Poti, onde mantém, então, os primeiros entendimentos para sua trasladação. Ficou assentado que seria ao sul da sede municipal, no lugar já conhecido, segundo a tradição oral, por Chapada do Corisco, à margem do Parnaíba e em cujas proximidades havia dois moradores, segundo informa Pereira da Costa." (Odilon Nunes, em *Pesquisas para a História do Piauí*, v. 4, p. 98, Editora Artenova, Rio, 1975).

Teresina, a nossa bela capital, constituiu, à época em que foi criada, um gesto de afirmação nacional do poder público, em nosso país. Ao institui-la, em 16 de agosto de 1852, Saraiva, o jovem presidente da Província, que ao longo de sua vida seguiria uma brillante carreira de homem público e estadista, no governo Imperial, queria que ela fosse "uma cidade planejada, bela, próspera, solidária e agradável."

Este número da Revista é em parte a ela dedicado, mediante a colaboração daqueles que – escritores, artistas e administradores de bom senso, aqui estão construindo o seu futuro, numa reverência plena de significado, aos 154 anos de sua fundação, que ora se cumprem.

Chamamos de início a atenção de nossos leitores para a entrevista concedida a Cineas Santos pelo Mons. Joaquim Ferreira Chaves, o brilhante historiador de nossa capital, com a sua obra hoje clássica, *Teresina – Substidos para a História do Piauí*, na qual estão registrados, com a precisão e o apuro de um narrador fiel ao seu ofício, os fatos históricos por ele descritos e a saga de acontecimentos que marcariam o início de uma cidade que se quis presente, nos destinos de nosso Estado.

De outra parte, como ocorreu com os números anteriores, desde que lhe renovamos a feição e propusemos nova temática, a partir da reativação do Conselho de Cultura, em janeiro de 1992, traz também a Revista uma justificada homenagem ao romancista maranhense José Montello, destacando em sua figura impar de homem de letras, não apenas um dos mais altos representantes de nossa romântica, de nossa prosa diarística, de nossa ensaística, também aquele que, na história da inteligência brasileira, trouxe, ao lado de Joaquim Nabuco, de Castro Alves, de José de Patrocínio, de Luis Gama e de tantos outros, o enfoque, em sua obra, do problema da escravidão negra no Brasil. Trata-se de seu romance de recorte clássico, *Os Tambores de São Luis*, a sua obra-prima, através da qual procura reconstituir, com a mais absoluta integridade, o fenômeno da escravidão em um dos locais de maior presença do negro na formação social do povo brasileiro.

Seguem-se os estudos que vêm mantendo em alto nível a produção literária e cultural da revista, com destaque para o ensaísta e acadêmico Cidu Barros Coelho, na abordagem de tema da maior importância, *Filosofia, Arte e Literatura*, Diva Freire Figueiredo, com matéria alusiva ao patrimônio histórico de nossa capital, o historiador Fonseca Neto e Fineas Barros, este com o ensaio sobre o romancista Fontes Ibiapina, de quem igualmente se publica o conto *Tangerinos*, figura representativa de nossa ficção contemporânea. Incluem-se ainda outros estudos ou breves notícias da maior importância literária ou artística, com os quais se mantém o melhor nível da Revista, objetivando dar maior visibilidade à cultura piauiense, no contexto da cultura brasileira.

Manoel Paulo Nunes  
Presidente do Conselho Estadual de Cultura

## Revista PRESENÇA

Órgão do Conselho Estadual de Cultura e da Fundação Cultural do Piauí  
Av. Coelho Rodrigues, 1016 – Centro  
CEP: 64.000-080

Fone: (86) 3221-7083 Fax: (86) 3223-5577  
ANO XXI, Nº 25 – Teresina, 1º semestre /2006

Governador do Estado  
José Wellington Barroso de Araújo Dias

Vice-governador  
Osmar Ribeiro de Almeida Júnior

Secretário de Educação e Cultura  
José Barros Sobrinho

Presidente do Conselho Estadual de Cultura  
Manoel Paulo Nunes

Presidente da Fundação Cultural do Piauí  
Sônia Maria Dias Mendes

Conselho Editorial  
Cineas Santos  
Pedro Ferreira Mendes de Freitas  
Pedro Nonato da Costa

Secretaria  
Ana Maria dos Santos

Projeto gráfico, edição eletônica,  
imagens e ilustrações  
Interativa Propaganda e Marketing Ltda.  
Rua Gabriel Ferreira, 547 – Sala 206  
Ed. São Isabel – Centro/Norze  
CEP: 64.000-250 Teresina-PI  
Fone: (86) 3223-8266 • Fax: (86) 3223-8266  
[interativa@interativapropaganda.com.br](mailto:interativa@interativapropaganda.com.br)  
[www.interativapropaganda.com.br](http://www.interativapropaganda.com.br)

Jornalista Responsável  
Natasha Maranhão / DRT-PI /142

Revisão  
Cineas Santos  
Natasha Maranhão

Foto da capa  
Interativa Propaganda

## Cartas RECEBIDAS

Recebi e agradeço o exemplar da revista *Presença*, que está de excelente qualidade e conteúdo, gentilmente enviado a este Conselho. Cordialmente,

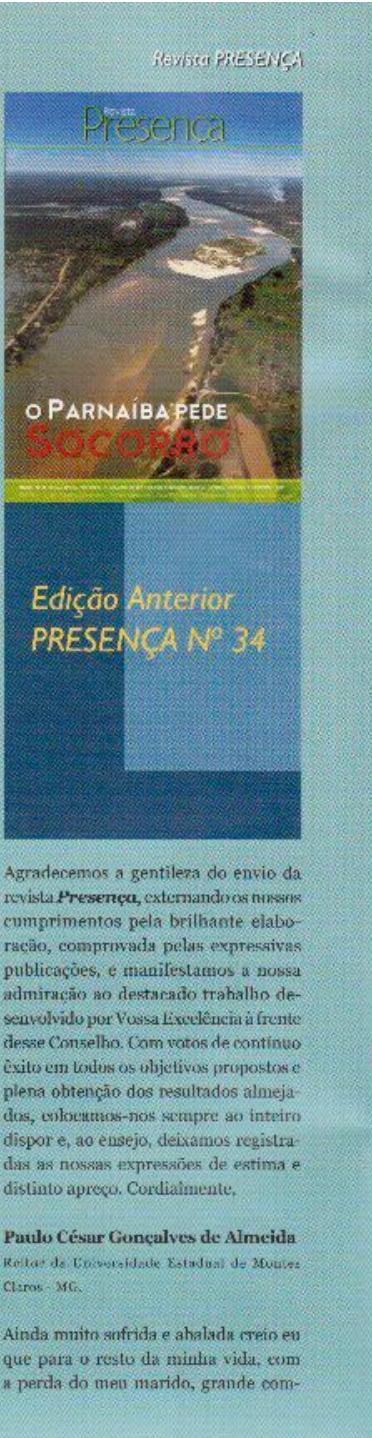
**José Borges de Sousa Araújo**

Presidente do CREA-PI, Teresina - PI.

O Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas, representado pela Biblioteca Pública do Estado do Amazonas, acusa o recebimento de 01 (um) exemplar da revista *Presença* 2º sem/2005. Agradecemos penhoradas por sua doação, pois amplia a oferta de cultura à população amazonense e aos usuários que utilizam os serviços oferecidos por nossa Biblioteca. Atenciosamente,

**Maria José Medeiros**

Diretora da Biblioteca Pública do Amazonas, Manaus - AM.



# SUMÁRIO



## PICTADORES

- Filosofia, Arte e Literatura

67

## PATRIMÔNIO HISTÓRICO

- Largo do Amparo - Sagrada e Danças

14

## PATRIMÔNIO HISTÓRICO

- A Preservação do Sítio Histórico da Praça da Bandeira.

16

## PATRIMÔNIO HISTÓRICO

- Memória Fotográfica - Praça da Bandeira e Sua Lembraçõe

22

## HOMENAGEM A TERESA

- Poesia Elegia

30

## EXPOSIÇÃO

- Monsenhor Joséum Chaves

31

## ESPECIAL

- José Monteiro, Adéus e Saudade

35

## ESPECIAL

- José Monteiro - Histórico

41

## FUNDAC

- Pesquisa Vai Mapear Patrimônio Imaterial Piauiense

42

## NATURA / POESIAS

- Paul. Sociedade dos Poetas Trágicos

43

## SEDUC

- Atividades Inovadoras na SEDUC- Arte e Cultura nas Escolas

52

## MEMÓRIA

- Urna Vida por Esse Chão de Meu Deus

54

## FICÇÃO

- Conto: Tangerinos

56

## ARTES PLÁSTICAS

- A Arte de Josefina Gonçalves

60

## CARTUM

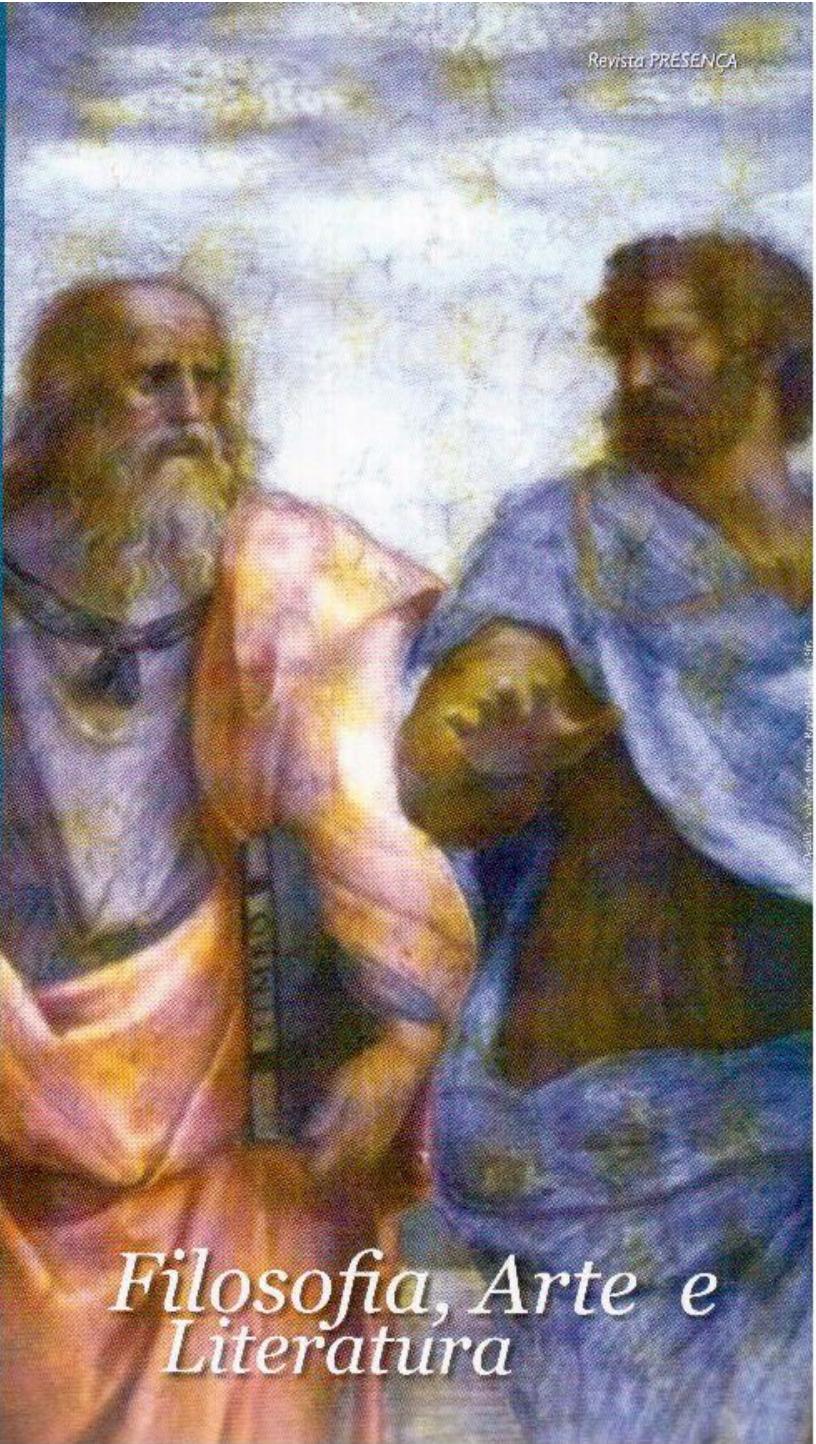
- JOTA A

62

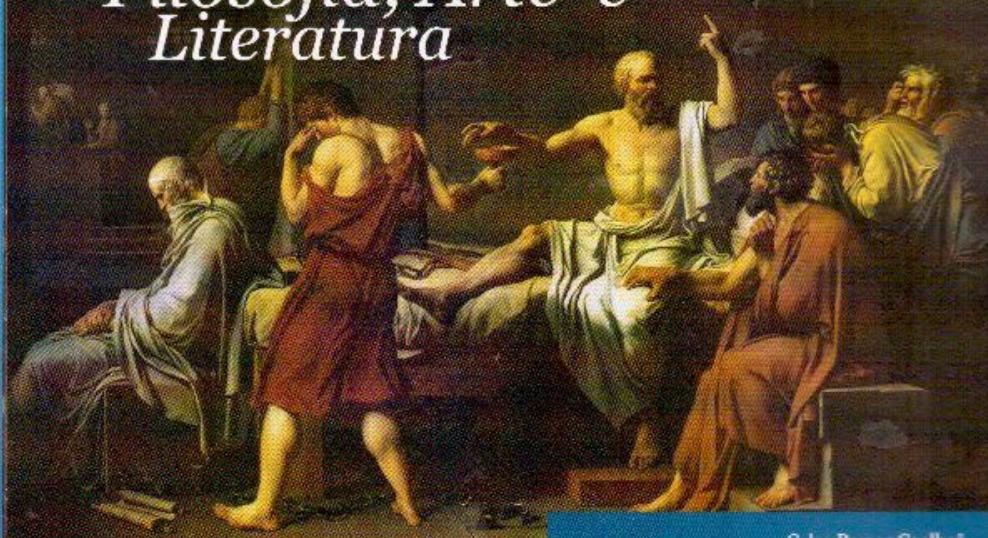
# PENSADORES

*Filosofia, Arte e  
Literatura*

Revista PRESENCA



# Filosofia, Arte e Literatura



Celso Barros Coelho\*

## I – A Filosofia

Sem dúvida não seria difícil, mesmo para mim que apenas conheço superficial e desordenadamente cada um dos temas propostos, se viesse analisá-los de forma isolada, pois bastava recorrer aos compêndios e deles extraír o que já se escreveu desde os gregos até os nossos dias sobre Filosofia, Arte e Literatura.

Difícil, porém, é considerar esses temas em suas íntimas relações, para dizer o que é essencial a cada um deles e o que é comum a todos eles, revelando, assim, os elementos que constituem sua unidade e sua diversidade.

Em seu *Dicionário de Filosofia*, Nicola Abagnano, ao referir-se à disparidade das Filosofias, refletirem significações dispares, assinala algumas constantes. E afirma: "Delas, a que melhor se presta para relacionar e articular os diferentes significados do termo é a definição comentada no *Eutidemo* de Platão". E aqui vem a definição de Platão: "A Filosofia é o uso do saber em proveito do homem". Platão observa que de nada serviria possuir a capacidade de transformar as pedras em ouro a quem não soubesse valer-se do ouro; de nada serviria uma ciência que tornasse imortal a quem não soubesse servir-se da imortalidade e assim por diante. É ne-

cessária, portanto, uma ciência em que coincidam fazer e saber valer-se daquilo que se faz, e esta ciência é a Filosofia.

De Platão a Kant é longo o caminho de elaboração da Filosofia que se apresenta com a preocupação de encontrar explicação sobre as coisas e, portanto, como uma ciência de toda a realidade, nela incluído o homem como parte do universo.

Era o domínio da metafísica que explicava o sistema universal da natureza de forma que a ela nada se podia opor, já que representava a expressão universal do saber. Isso se tornou possível enquanto as leis físicas eram ignoradas. Mas quando passou a prevalecer o conhecimento científico baseado na experiência, este sem necessidade de recorrer a qualquer postulado filosófico, a filosofia, com tal domínio, sofreu abalos.

Ao longo desse percurso, passaremos, numa visão muito rápida aqui delineada, a mostrar que as formas de conhecimento, em sua base racional, não sofreram profundas alterações, a não ser uma concepção nova da "natureza", elevada à categoria de obra divina e a explicação da dualidade do homem - carne e espírito - em permanente conflito, embora para Santo Tomás essa dualidade guardasse certa unidade, o que, na observação de Anísio Teixeira, "dificultava o conceito de imortalidade

# PENSADORES |

Revista PRESENCA

e levava os cristãos ao dogma de ressurreição dos corpos, prova de raciocínio que, de certo, santifica o corpo na luta do espírito sobre a carne e ameniza os rigores do ascetismo helênico<sup>1</sup>.

Já vemos aí uma substancial diferença em relação à filosofia platônica, pois, enquanto "a fórmula platônica era **intellectualista** e **aristocrática**, a fórmula cristã é **voluntarista** e (potencialmente) **democrática**, na expressão de W.H. Wolen"<sup>2</sup>.

Até chegarmos a Kant, as indagações filosóficas se limitavam a uma explicação da natureza, embora, já na Idade Média, os estudos sobre a filosofia platônica indicassem uma antecipação do conhecimento empírico, em que as relações concretas do homem tinham por base a valorização do trabalho. O trabalho, assim, substitui a razão na linha de sua relação com o conhecimento.

Era a retomada do caminho para o aparecimento das ciências particulares, com o que se iniciaria a luta entre a ciência e a filosofia, pois esta, até então, ocupada em querer explicar todas as coisas, submetia-se ao controle de um sistema universal voltado para esse fim.

Era o período em que, saindo já do campo exclusivo da natureza, e, portanto, na sua expressão literal "metafísico", defrontou-se com a **física**, travando-se a luta pela substituição da filosofia metafísica pela filosofia experimental.

Isso só foi possível através de Bacon, o qual, na expressão do filósofo americano John Dewey, "pode ser considerado como o profeta de uma concepção pragmática do conhecimento". Para demonstrá-lo Bacon apresentou a sua doutrina dos **ídolos**, em que, ao lado dos ídolos da tribo ou fantasmas da raça, faz alusão aos ídolos do teatro, como originários na linguagem, ao ídolo da caverna, numa alusão a Platão, pois Bacon, em sua linha filosófica, está mais perto de Aristóteles. Elogiada por Hegel é a sua classificação das ciências por ele divididas em ciência da memória (história), ciência da fantasia (arte e poesia) e ciência da razão (a filosofia). Também comprehende esta classificação, feita no livro *De dignitate et augmentis*, a teologia, como resultante das três fontes, a história sagrada, as parábolas e os dogmas<sup>3</sup>.

Chegamos, finalmente a Kant, lembrando-nos de antecessores como Descartes, Spinoza e Leibniz. Na doutrina de cada um revelam-se novas

formas de conhecimento, como a que repousa na chamada **dúvida metódica**, do primeiro, o **pensamento** e a **extensão** como atributos de Deus, do segundo, e o número infinito de substâncias, as chamadas **Mônadas**, do último. O limite desta exposição não nos permite mostrar outros aspectos originais de seu pensamento.

Sem esquecer também as revelações dos empiristas britânicos Locke, Berkeley e Hume, pois contra estes se insurgiu, como o fariam ainda Fichte e Hegel. Aqui vai apenas uma referência, pois não caberia comentar sobre eles.

Fundador do chamado idealismo alemão, Kant é mais que um renovador da filosofia tradicional. Dele afirma Kuno Fischer que "fundou uma filosofia verdadeiramente nova que em seus pontos essenciais nada tem de comum com nenhuma das anteriores"<sup>4</sup>. E nos ensina mais este autor, para realçar os aspectos originais da filosofia de Kant:



"A luta entre a metafísica e a experiência, a filosofia e as ciências particulares, desaparece deste modo para sempre. Porque a luta só pode durar o tempo em que umas e outras discutem o objeto que investigam. E ao desaparecer a causa, desaparece a disputa. Se a metafísica e a experiência não pugnam mais por um mesmo objeto, se não pretendem dominar o mesmo

campo, não há razão para que sigam destruindo-se. A partir daí trabalham em distintos campos, que pertencem, em verdade, ao império dos fatos, porém sem trazer diferenças e questões. Objeto da experiência são as coisas, e objeto da filosofia é a experiência e em geral o fato mesmo da experiência das coisas, para ser uma explicação do conhecimento das coisas; transforma-se numa ciência **necessária** porque explica um fato que, como tal, necessita de explicação, do mesmo modo que outro qualquer. E é assim, por sua vez, uma ciência nova, porque explica um fato até agora sem explicação entre os filósofos".

Aí está o ponto de referência da originalidade de Kant.

Não é a vez de analisá-lo, mas apenas dizer que assim como Sócrates, Platão e Aristóteles descobriram a filosofia e lhe traçaram o caminho em

cujas margens nunca perderam de vista, ao longo do tempo, o real e o ideal, chegou Kant a novas descobertas, até alcançarmos as correntes do pensamento do século XIX a ele, Kant, estreitamente vinculados.

Por essas correntes seguiu Hegel, com a sua dialética do espírito, na conhecida afirmação de que o real é racional e o racional é real. A dialética de Hegel vai ser invertida por Marx. É o materialismo em confronto com o idealismo, a eterna luta travada pelo homem em busca do saber e da verdade.

Na filosofia idealista de Hegel a única realidade existente é o espírito. Na de Marx é a matéria. A respeito assim se expressou Engels: "Os que afirmavam a materialidade do espírito com relação à natureza (...) pertenciam à tendência idealista. Os mais, que consideravam a natureza anterior ao espírito, pertenciam às diferentes escolas naturalistas".

De então para cá, os filósofos se situam nas duas vertentes, procurando conciliar o idealismo e o materialismo, numa síntese que ainda não se esgotou na busca incessante de uma explanação que satisfaça a nossa curiosidade sempre renovada. E isto também é filosofia.

Na base dessa concepção de Kant outras muitas se situam, como se vê, já em nossos dias, na que nos apresenta no seu livro *Idéia de História*, R. G. Collingwood:

"A filosofia é reflexiva, o espírito filosofante nunca pensa simplesmente acerca de um objeto, pensa também no seu próprio pensamento acerca desse objeto. A filosofia pode ser chamada, assim, um pensamento de segundo grau, pensamento acerca do pensamento. Por exemplo, descobrir a distância da terra ao sol é uma tarefa para o pensamento do primeiro grau, neste caso para a astronomia; descobrir o que é que nós estamos exatamente a fazer, quando descobriremos a distância da terra ao sol, é uma tarefa para o pensamento de segundo grau, neste caso para a lógica ou para a teoria da ciência".

E acrescenta: "Tal não significa que a filosofia seja a ciência do espírito ou psicologia".

Conhecido filósofo neokantiano, Ernest Cas-

sirer, em *A Filosofia do Iluminismo*<sup>6</sup>, observa, de passagem, a propósito do Iluminismo: "Na Inglaterra e na França, o Iluminismo começa por quebrar o molde obsoleto do conhecimento filosófico, a forma do sistema metafísico", sem renunciar, no entanto, ao espírito sistemático, ao qual pretende, pelo contrário, incutir mais valor e eficácia. E conclui, nesta parte: "A filosofia já não significa, à maneira dessas novas perspectivas fundamentais, um domínio particular do conhecimento situado a par ou acima das verdades físicas, das ciências jurídicas e políticas etc., mas o meio universal onde todas essas verdades formam-se, desenvolvem e consolidam-se". Amplia-se, assim, o âmbito de incidência da filosofia, que resultará, em última análise, na concepção de Kant.

## II – Os dois outros temas

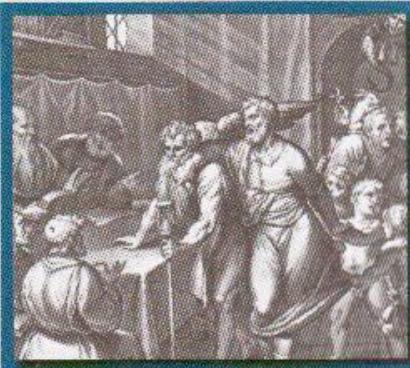
### a) ARTE

O tema da arte está estreitamente ligado à filosofia e a outras muitas disciplinas. O fenômeno artístico tem um largo campo de atuação.

Seguindo uma divisão apresentada pelo Professor M. Antunes<sup>7</sup>, vemo-la como imitação ou mímese (Platão, Aristóteles e os clássicos em geral); como criação, fabricação ou poesia; como expressão, como produção, como exteriorização, para falar nas mais específicas. E esse autor, após considerações em torno desses itens, julga válida a definição de C. W. Gotshalk, para quem "A arte é a criação de objetos tendo em vista a experiência estética". Surge aí um elemento de valor, o estético, sem o qual não se pode falar em arte.

A arte nasce como uma necessidade do espírito. E também da matéria, pois suas várias formas de manifestação preenchem, no homem, seu ideal, seus desejos, suas aspirações, suas necessidades. O individual e o social aí se aliam para dar impulso às manifestações artísticas, em que o homem expõe suas preferências, revela o nível de sua cultura, mostra o poder de sua mente e a concordância de seus desejos com a elevação de seu ideal.

Seja uma obra individual ou coletiva, nela ressaltam o gênio, o gosto, o amor, o talento, o grau de sensibilidade, no interesse por certos va-



# PENSADORES |

Revista PRESENÇA

lores, sempre com a tendência de unir o concreto ao abstrato, criar o modelo, fazendo da palavra, da cor, do som, do estilo a expressão de sua sensibilidade e a maneira como interpretar o homem, a natureza, a vida, os problemas do seu cotidiano e a riqueza da sua alma. O artista cria um mundo à parte, ligado ao mundo em que vive, ou mesmo ao mundo distante revivido na sua memória, ou se entrega à contemplação de valores passados que lhe vêm da riqueza do mito, na revelação de imagens e símbolos, tudo para traduzir suas reações ante o real e o imaginário.

Dai sua importância na teoria do valor, como relembra L. A. Richards<sup>8</sup>, ao afirmar: "Tanto na gênese de uma obra de arte, no momento criativo, quanto no seu aspecto como veículo de comunicação, podem ser encontradas razões para dar às artes um lugar importante na teoria dos valores".

A obra de arte une o valor ao símbolo (mito e realidade), que também é um valor tão agradável ao nosso espírito, como forma de compreendermos o que está ao nosso alcance nos domínios do pensamento, da razão e do coração.

A arte é fonte de prazer, não permite indiferenças, o que revela a natural atração que exerce sobre o homem em sua aspiração para o bem, o belo, o útil, nas variações de suas preferências e na avaliação dos seus desejos. A sua linguagem é universal, como ressalta de uma criação artística, como *Monalisa*; de uma obra literária, como *O Retrato Dorian Gray*, de Oscar Wilde; do testemunho de uma fé, como *A Santa Ceia de Leonardo da Vinci*.

Com a arte o homem eterniza os seus ideais e as suas crenças. A arte algumas vezes serve para revelar o espírito contemplativo do homem, para fixar um momento da vida ou da História e colocá-lo vivo no espírito das gerações futuras, como é exemplo a alegoria da gravura de Goya - "Caprichos" - tão bem interpretada historicamente por Sérgio Paulo Rouanet<sup>9</sup>. Lê-se aí a inscrição "*El sueño de la razón produce monstruos*". Aí está a figura do artista adormecido, como se fosse a própria razão que sonhasse por ele. Alegoria que explica um momento histórico e dá sinal de que jamais deveremos perder a razão para conquistar o que está ao alcance de nossas aspirações.

Embora usando de cores e palavras, no con-

traste de sua projeção no espaço da gravura, o que ali ress umbra é a mensagem simbólica, é a eternidade de um momento que, fluindo, permanece porque repousa num sonho que parece imóvel. A razão também sonha quando o artista desarma para fixá-la na permanência das linhas definidoras de suas abstrações e de sua inspiração. Na criação de um artista pode ser belo ver a razão sonhar porque, como belamente e, portanto, artisticamente, disse Paulo Rouanet: "Não podemos proibir o sonho da razão porque, se proibissemos, baniríamos também a utopia e a esperança de um mundo melhor".

Esse mundo melhor o artista o contempla, com ele se delicia e coloca a utopia no seu caminho, como algo que não procura, porque já encontrou. Só a arte, explorando a alma, o talento, o poder criador do homem, pode produzi-lo.

A arte casa-se com a vida, mesmo falando da morte, da tristeza, da finitude humana. O artista traz uma mensagem lá de cima, na sua visão de mistério e transcendência. Fala aos nossos corações, à nossa mente e se lhe perguntarmos, quem disse isto ou de onde tiraste isso, a resposta é aquela que está nos versos de Cain: "Não está escrito assim lá em cima?". A arte é um dom que Deus deu ao homem, para louvá-lo, para engrandecê-lo, engrandecendo ao próprio homem, imagem e semelhança de Deus. A arte está espalhada na natureza, pois está aí a presença do grande e perfeito artista.

A arte tem também um poder salvador ao lado do seu poder criador. Assim, cria e recria. Lembremos palavras de San Tiago Dantas em *Dom Quixote - Um Apólogo da Alma Ocidental*<sup>10</sup>: "Tudo o que existiu, e cuja forma efêmera não logrou resistir à fatal decomposição do tempo, pode ser salvo, se o espírito do homem ali souber encontrar o símbolo, em que se personificam as essências universais". Só a arte é capaz de salvar a forma efêmera pela forma eterna, como o fez Cervantes na criação de D. Quixote, o triste herói de aventuras impossíveis convertido em símbolo de sabedoria e exemplo da grandeza humana.

A filosofia ajuda a compreendê-la.

Só a arte pode gerar tais transformações, porque só ela participa da essência do poder cria-



# PENSADORES |

Revista PRESENÇA

dor, comunicando-o ao artista que é o instrumento desse poder. A arte infunde a confiança e a crença nos valores do espírito. Revelando a intuição estética de Shelling, diz Jean Hypolite: "O artista atinge a liberdade, não em uma luta, mas numa harmonia reencontrada, a coincidência com o absoluto na criação estética; é o mundo da arte que nos dá a mais alta revelação do absoluto"<sup>11</sup>.

A música, a pintura e a poesia são as três formas que mais tocam a nossa sensibilidade, alegram os nossos olhos e falam ao nosso coração.

A harmonia, a cor e o ritmo ai se combinam para expressar o que, no homem, se coloca no plano mais alto da vida espiritual. "Os valores mais elevados ganham, em geral, por meio da expressão artística, significado permanente e força emocional capaz de mover os homens. A arte tem um poder ilimitado de conversão espiritual"<sup>12</sup>.

O meu grande amor à arte, em todos os seus níveis e modalidades, faz-me pensar no artista como um símbolo, um símbolo que eterniza a nossa vida. E também nele há sempre sinais de humildade, pois todos eles podem invocar o Senhor, cheio da confiança com que o fez um dos nossos poetas, portanto, artista também, José de Newton Freitas, meu patrono na Academia Piauiense de Letras. Na sua palavra está a invocação de todos os artistas no momento supremo de sua criação:

"Vem, Senhor.  
Vem. Guiá-me. Meus passos não têm a firmeza dos passos dos iluminados.  
Quando eu sentir a verdade da tua presença,  
eu levantarei os olhos para o céu.  
Meu olhar será agradecido, novo, diferente.  
Eu não enxergarei as nuvens, nem as estrelas,  
porque meus olhos irão Além.  
Então, seréi maior que as outras cousas,  
feliz, muito feliz.  
Será um olhar que eu ainda não tive".

## b) LITERATURA

Ao tratarmos agora da Literatura, surge a dificuldade, em primeiro lugar, para se saber o que é e isso importaria numa definição, a qual, para certos auto-

res, como para Maria de Lourdes A. Ferraz<sup>13</sup> é o "modo menos adequado para se conhecer aquilo que se está a falar". E conclui ela: "Provavelmente é até pacífico que se negue a possibilidade de definição, tão clara é a dificuldade em delimitar o que é e não é literatura".

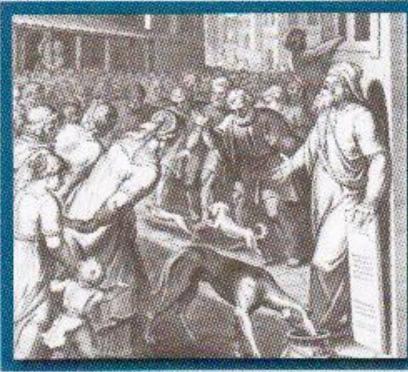
Ante essa dificuldade e mesmo porque uma simples definição deixaria muito vago o conceito que se pretende dar da literatura, o importante é falar dela e, ainda na lição de Maria de Lourdes A. Ferraz, "no que respeita à civilização dita ocidental, falar de literatura é não só falar do trabalho de linguagem e de arte de certos textos, como falar da constituição desses textos segundo uma certa disposição ou composição e segundo uma certa distribuição ou hierarquização. Mais claramente, no ocidente não há Literatura fora do reconhecimento de certos textos ou obras ou fragmentos como literatura".

Já temos aqui um campo limitado à compreensão do fenômeno literário, a partir do conceito de **literariedade**, termo usado por Roman Jacobson, em 1921, ao tratar da nova poesia da Rússia. Esse conceito tem sido bastante discutido e apontado em estudo sobre a matéria por Manuel Gusmão em dois pontos principais:

a) quando põe em destaque a necessidade de uma teoria da literatura e isso entra em confronto com a história e os historiadores da literatura, acusados de praticar um conglomerado de pesquisas artesanais, que perderiam a especificidade do literário.

b) Também é criticado no formalismo um ecletismo que produz catálogos heteróclitos e fenômenos e confunde problemas, como seja confundir "evolução" com "gênese".

Acotar-se essa orientação do formalismo russo, ter-se-ia de acomodar a literatura a um sistema, o que não está em nossa tradição ocidental, onde predomina o seu caráter difuso, com a liberdade de ser revelada através de escolas literárias, nascidas das tendências naturais que a cultura ou a experiência literária vai criando, a partir do romantismo.



# PENSADORES |

Revista PRESENÇA

Antes, na fase predominante do classicismo, o que valiam eram os modelos, a autoridade do autor, em que o espírito de emulação predominava, sendo substituído, no romantismo, pela inspiração individual.

É o romance o grande gênero que se expandiu e que passou a ser, juntamente com a poesia, o centro de atração das preferências literárias e o elemento definidor das tendências de cada literatura. Em comparação com os valores clássicos podemos dizer com a autora já citada: "Se a antiguidade tinha privilegiado a tragédia, ao retomar-se a tradição clássica do renascimento a épica torna-se o grande gênero, para ser 'ultrapassado' pelo romance no romantismo".

Como sabemos, a partir do Renascimento a elaboração científica e a expansão do conhecimento em outras áreas, tornou o homem o senhor de novas técnicas para o aperfeiçoamento dos seus instrumentos de dominação, de que resultou o seu aprimoramento intelectual. Com isso aumentou consideravelmente o número de leitores e formou-se uma consciência do valor individual, que a filosofia do Iluminismo estimulou criando expectativas de imediatas transformações políticas, sociais e culturais dos povos.

Essas conquistas levaram à formação do Estado democrático, na base da organização institucional de cada povo, formando-se o espírito nacional. Estava criado um ambiente que, preocupado com a organização das instituições, para melhor direcionar o poder e estabelecer os limites de sua atuação, difundiu a cultura, o saber, num clima propício ao exercício de atividades culturais e literárias.

A literatura passou a ser o resultado de uma forma de atividade que ia crescendo à medida que a formação intelectual nas escolas e nas Universidades se aprimorava.

Também ela aparece como uma instituição social e cultural, sem perder o seu elemento difuso, ligado aos valores estéticos que são inerentes à sua compreensão. Foge ela a definições rígidas e comprehensivas de seu conteúdo. É melhor apegar-nos àquela orientação de Forini, citado por Maria de Lourdes A. Ferraz, ao afirmar que "a melhor forma de "explicar" a poesia será sempre a poesia, ou "da literatura não se pode falar senão produzindo-a".

Já podemos concluir, mostrando que entre Filosofia, Arte e Literatura, existem relações e afinidades que em outros tempos se confundiam, mas hoje trabalham em suas áreas específicas, com influência crescente na sociedade atual dominada por dificuldades e incertezas de toda ordem.

Colocando-se a Filosofia mais ao lado da arte que da ciência, combinando razão e sentimento, poderá ela superar as divergências e oferecer respostas mais coerentes às nossas indagações.

Menos preocupada com as teorias e os sistemas, a filosofia, irmanada à arte, dará como resultado uma literatura que valorize a vida, leve em conta os valores éticos e abra caminho para a compreensão do homem em busca da felicidade pessoal e da paz social.

A sociedade atual vive sob o impacto da revolução tecnológica, dominada pelo poder da máquina e pouco interessada na preservação dos valores estéticos. As necessidades materiais substituíram o sentimento da poesia.

É hora de lembrarmos as palavras do filósofo Ernest Cassirer<sup>14</sup>:

"Quando a pompa e a etiqueta convertem os homens em máquinas, é tarefa do poeta fazer dessas máquinas homens de novo".

## NOTAS:

<sup>1</sup>TRIXIURA, Anísio. *Educação e o Mundo Moderno*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1969, p. 15.

<sup>2</sup>Logos. Encyclopédia Verbo, v. Bacon, p. 573.

<sup>3</sup>Idem. *Ibidem*.

<sup>4</sup>FISCHER, Kuno. *In Críticas de La Razón Pura Precedida de la Vida de Kant*, Tomo I – Editorial Sopena.

<sup>5</sup>Apud BAAS, Emile. *Introdução Crítica ao Marxismo*, Livraria Agir, p. 27.

<sup>6</sup>CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Humanismo*. Editora da Unicamp 1992, p. 10.

<sup>7</sup>Logos, op. cit., p. 472.

<sup>8</sup>A. Richards. *Princípios da Crítica Lógica*. Edição Globo, 1967.

<sup>9</sup>ROUANET, Sérgio Paulo. Texto em Crises da Razão, Companhia das Letras, p. 295.

<sup>10</sup>DANTAS, San Tiago. Edições Humanidades – Fundação Universidade de Brasília, 1997.

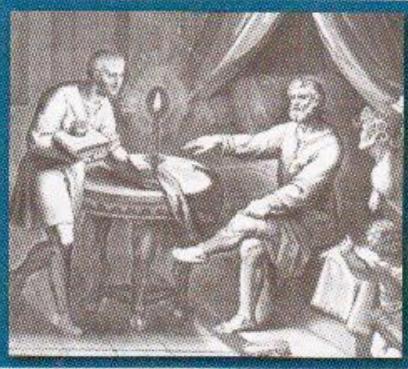
<sup>11</sup>HYPOLITE, Jean. *Introdução à Filosofia da História de Hegel*. Civilização Brasileira, 1971, p. 7.

<sup>12</sup>JAHIGER, Werner. *Pudicícia. A Formação do Homem Grego*, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2003.

<sup>13</sup>Biblos, Encyclopédia Verbo, Vol. 3, p. 122.

<sup>14</sup>CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Humanismo*. Editora da Unicamp, 1992.

\*Celso Barros Coelho é advogado, membro do Instituto dos Advogados Brasileiros e da Academia Piauiense de Letras.



# Largo do Amparo Sagrações e Danações

Fonseca Neto<sup>2</sup>

Foto: Francisco Azevedo e Edmaria Viana

Como que a inventar permanentemente o milo fundador, o nascimento de Teresina foi e é tema de valiosa crônica.

A história da cidade, vibrante de histórias, é em geral secura e escrita com lufadas doces da certeza de que, aqui, a vida é mansa, seus construtores trabalham duro, as horas são suspirantes, mornas. Histórias que respiram pulos puros do povo, ou são vincadas pela pena poética parnasiana concreta de sesquicentenária escritura – histórias saídas do cérebro verde de seis notáveis amantes, prosadores da ilusão fecunda de alevar o rio adentrando a chapada numa cidade para Maria, uma capital para Teresa.

Nas histórias da cidade, latentes, há entre outras, a história de chapadeiros e a história dos chapadões primeiros; da cidadela dos raios fulgurantes, das tempestades, de delírios tapuias, potis, potiranas e potidias; de ribeirinhos subindo à planura da serra-maria Covas para plantar a cruz católica nova longe das lamas engolusas do antigo Arraial.

A história do povo abrindo clarões para junto da cruz erguer o templo à mãe do Amparo, apascionadora dos trovões, regina dos novos chapadões; sentiu-se ascendendo à cidade-cabeça pensando e afirmando o diálogo com as grandezas da terra inteira – rio navegável que leva, mas traz gente, coisas, ideias, desde aquele ano jubilar do Oitocentos, 1850.

A cidade e suas histórias são as crônicas do Largo dessa Maria do Amparo que ordena a capital a seus pés não, sob seu manto azul; sim, mas manto que não se sabe porque, às vezes não alcançou seus filhos fugidos, ultrajados por vés exploradoras, fustigados em nossos caiores, no relento de missas torrenciais chuvadas, na escuridão das ciências da instrução, nas danações de seus tiranetes.



O Largo do Amparo se fez o coração desta cidade-de-madeira do Piauí. Largo, na calha direita do rio plantado, para o desembarque para o Parnaíba reter e tragar as civilizadas passagens que já então subiam e desciam. Largo do casario primário para as governâncias e deputações primeiras. Sim, para as putações, e imputações, também.

Largo risinho, xis com a Boa Vista, brejo da brejeirice Pechinha, rica, rainha da gleba, escravista. Largo da Matriz, um adro enorme, um campo-palco aberto ao rio e ao mundo para as teatralizações resis e fictas da província reunida dos Pianis. Um Largo, um Adro, um palco para as sagradas e profanações – no centro, a Igreja Matriz; de um lado, o governador-presidente; do outro, devonte, a sede das vereações camerais. Todos mirando o rio, este portão por onde chegam e saem benzeções e maldições.

Largo mais abaixo, olhando pertinho o Parnaíba que sobe e desce, num canhão, o mercado das carnações, de todo seco, de todo molhado, de outros encantos o rio traz em balde: piau, pimenta, batata e mel; feijão,

# PATRIMÔNIO HISTÓRICO |

Revista PRESENÇA

alecrim, araruta e salsa; larinha, arroz, abóbora e mel; angu, resma, melancia e beiju; azeite, soja, aguardente e leite; gamela, coxim, canudo e cachimbo – o mistério das sertões. Nostro canto, o arraialém chão da manufatura que o rio também traz: panno e sedas, hachas e cristas; livro e espada, cartuchão e quatas; bacias e peixes, água-de-chorro e punhalas; colher e brinche, bacalhau e terçais – o mafuá de Europa.

Largo do Amparo, lugar das civilidades amplas. Das promulgações políticas e das alegriações revolucionárias, às vezes fardadas. Mármore de Carrara, na coluna a Saranya erguida. Aos céus a eterno pedra apóia, e eternos são os operários cativos que ergueram a Igreja, o Largo, as Câmara, Justiça e Fisco, o Mercado, a Alfândega, a Coluna. A Coluna para Josephins erguida por escravos joses que de latum não sabiam.

Isto mesmo. A cidade nasce da cor das Áfricas, em chão tingido pelo vermelho dos corações sangrando das malvindades, parturias dela: filhos da mãe Esperança dos currais; regios distantes vindos; filhas marianas das três virgens acrense, Vitória, Rosário e Conceição; e das virgens sertãs lá de dentro, Livramento, Carmo, Desterro e Ó. Toda virgem tem Matriz, toda Matriz tem Largo – e nos largos das matrizes rola a vida o dia inteiro.

No Largo da Matriz-Capital tem vida intensa: comércio, lei, ordenanças e fraque. Claro, tem também, missa, novena e leilão; tem o terço dos leandrinhos e a ladainha do povão. Tem teatro cubiculado, la da Corte e de Paris; tem amores teatrais e novados ajeitados. Tem círco, sinal e funeral, procissão, mirra e cassino. Tem a Irmandade do Coro, batismo e comunhão. Tem retrata e alvorada; mendigos caíndo ao chão. Um vigário liberal. Mamedé, o primeiro, tem fino, garra e razão. E o chefe da Vila Nova, no tempo das olarias. Eleições na

Igreja; tem fiel na confissão, e fiéis na capangagem.

O Largo do Amparo, que é o Largo do Pátrio, da Câmara e do Mercado, é campo de esquivar cavalaria e tenacícias. Das civilidades manifestas, já se disse. É campo das paradas, dos juramentos às bíblias e às espadas: estondaram conquistas no chão, pipocam fogos nos céus – para a Padroeira, para os eunucistas, governador que chega, governador que sai; bispo do Maranhão que pisa o chão, pálios que tremelham em proteção. Uma cidade todo no Largo, mirando o que chega e vai, o que vamega e cai, oligarquia que vai e sempre volta, chefes que sempre sobem, parceiro que nunca caem.

Largo quase quadrado que se alarga pelos quartéis do círculo: rumo sul, virando ruas a estrada velha para a Oeiras inconformada; rumo norte, virando ruas a estrada para a Vila velha, passando gente ao cemitério novo; a leste, buscando a cultura mesopotâmica margem, um xadrez de ruas desenhadas caminharam e vão se alargando rumo ao Alto da Moderação e o alto da Juruáchá. Há quintais, e quintais, em profusão. O tempo passa. O casario vai se distanciando do Largo-Matriz, e pequeninos, favairos, tinguis, sapineiras, angicals e criolhas, cedem chão aos mangueiros, cajuaís e umbuzeiros. Mais: a oeste, os engenhos Boa Vista, Flores, o Porto das Cajazeiras. Criada Teresina do lado que está, logo para defronte dela o Maranhão traça a vila antiga de São José dos Matões, que agora se chamará São José da Parnamá. É a Vila de Flores de depois. A cidade de Timon de hoje. E como diz outro José, Teresina dança-se a olhar para ela de manhã (e de tarde e de noite) no tempo que não pára.

Teresina, capital, orbe dada as junções e injunções do orbe desde a nascente, é filha desse Largo, que é filho do rio Paranaíba. Faz feita num círculo de chapada, pegada ao chão de sua realidade e de suas ilusões. Esta cidade existe, está alargada para além do rio-adjacente.

A cidade de pedra, da Matriz do Amparo, Padroeira, da Câmara que se fez Intendência e Prefeitura; do Mercado; da Alfândega; do Fórum; do Testo que erigiram para outras praças. Do próprio Largo do Ialar cidadino de Portugal, que viram Praça das fárias vindas de novas sensações metropolitanas: Praça da Constituição, Praça Deodoro da Fonseca, Parque da Bandeira, Praça Rio Branco – Isto é o Largo do Amparo, das Teresinas encimas, capturadas agora em seu movimento.

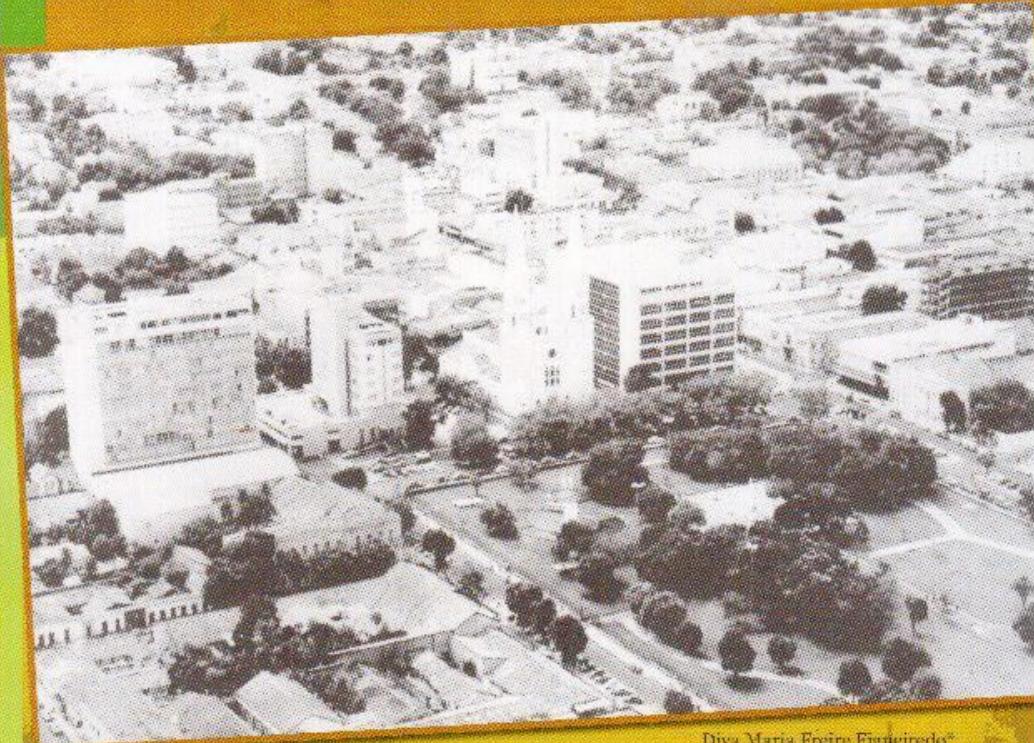
Cidade da memória. Eternamente reformando talvez não seja assim tão preciso. O Largo da Matriz do Amparo é uma referência essencial para a compreensão dos sentidos da vida da cidade criada entre os anos de 1830 e 1852. Nas entredochas das dimensões de sua cotidianidade, captadas em signos de pluralidade, estão vivas e plenas as experiências aparentemente mortas que explicam Teresina.

Teresina do Amparo, sagrâncias e damações, boas de se lembrar; o outrem só existe no hoje. E desde que o sentido e sentimento da lembrança não operem o conceito de História como sinônimo de saudade, só saudade.

\* Fonseca Neto é professor, historiador e diretor do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí.



# *A Preservação do Sítio Histórico da Praça da Bandeira*



Diva Maria Freire Figueiredo\*

Fotos: Francisco Antunes e Guilherme Müller

A preservação do patrimônio cultural, hoje entendida dentro de um enfoque ampliado e complexo, exige uma abordagem multidisciplinar. Principalmente quanto se trata da conservação urbana, cujo objeto é um sítio histórico, transforma-se em um instrumento de planejamento e gestão, à medida que interfere nas funções da cidade, envolve o uso do solo corrente e futuro, circulação, composição demográfica, social, devendo considerar todas as relações e práticas sociais dos habitantes.

De acordo com este enfoque, que destaca a importância das práticas sociais dentro do espaço construído, nada mais apropriado do que denominar a região que incorpora e envolve o largo de origem da cidade de Teresina, oficialmente Praça Marechal Deodoro, pela designação mais popular e conhecida "da Bandeira", na verdade, o nome do parque ou quadriângulo de área verde de seu interior.

Há consenso entre historiadores, antropólogos, arquitetos, urbanistas, paisagistas, intelectuais de modo geral e também de outros setores

da população de Teresina sobre a importância da Praça da Bandeira e de suas imediações para a memória da cidade, configurando seu primeiro sítio histórico, segundo definição consagrada no âmbito da preservação do patrimônio cultural.

Mas, para analisarmos este sítio histórico em particular é necessário definir à priori alguns dos conceitos e pressupostos que envolvem a sua preservação e requalificação. Esta necessidade se manifesta quanto aos relativos ao campo patrimonial e a outros, recentemente muito usados nas políticas de planejamento em geral, especialmente as municipais, entre as quais se destaca o paradigma do planejamento estratégico.

À medida que abordamos tais fundamentos teóricos e princípios operacionais que vêm norteando o campo patrimonial e o planejamento das cidades, procuraremos fazer sua articulação com este espaço rico e diversificado em significados simbólicos para a população de Teresina. Este espaço que é também, ao mesmo tempo, objeto de disputa de interesses sociais e econômicos muitas vezes antagônicos.

Quanto ao patrimônio, desde 1937 o Decreto-lei 25, que institui o tombamento como proteção ao patrimônio cultural brasileiro, tem inspirado os demais instrumentos legais no âmbito estadual e municipal. Nos anos 80 do século passado, as operações do campo patrimonial incorporam as concepções da nova historiografia e passam a valorizar os processos acima da história factual. São revistas a interpretação exclusivamente esteticista da "feição notável" e a visão restritiva da história aos "fatos memoráveis", previstas neste instrumento legal. Tais interpretação e visão são consideradas simplificadoras dos processos históricos, empobrecedo-os. Em consequência, o valor simbólico visual que orientava as intervenções é direcionado para valor de referência, ou seja, os sítios e conjuntos passam a ser tratados como documentos da história urbana.

Desta forma, o valor documental é estabelecido como pressuposto da preservação do patrimônio cultural nos debates técnico-científicos deste período<sup>1</sup>. Mas, uma vez que "toda cidade é um organismo histórico", que sentido tem eleger ou selecionar somente um conjunto urbano qualquer, o da Praça da Bandeira, por exemplo, como objeto da preservação?

A resposta a esta questão vai ser feita através de uma definição mais precisa da noção de sítio histórico, enfrentada por debates feitos no Brasil, pela Carta de Petrópolis, de 1987: "o espaço que concentra testemunhos do fazer cultural da cidade em suas diversas manifestações", que deve ser compreendido no "sentido operacional de área crítica, e não por oposições a espaços não-históricos da cidade". O sítio histórico urbano é considerado parte integrante de um contexto mais amplo composto do ambiente natural, do ambiente construído e da vivência dos habitantes num espaço de valores do passado e do presente, em processo de transformação. E nesse contexto, os novos espaços devem ser entendidos como testemunhos ambientais em formação dentro do processo dinâmico de transformação.

Complementarmente, colaborando para uma melhor compreensão desta noção, observa Milet (1988:18), que a preservação do patrimônio só é socialmente definida, aparece como fato social, quando o Estado assume a sua proteção através da ordenação jurídica, instituindo-o e delimitando-o oficialmente, regulamentando seu uso, finalidade e caráter dentro de leis específicas de propriedade, zoneamento, uso e ocupação do solo.

No processo de construção do patrimônio cultural, segundo Márcia Sant'Anna, a seleção de sítios urbanos para a proteção, tendo que incorporar o valor documental dos testemunhos dos processos sociais e econômicos do espaço construído, passa a considerar áreas com rupturas no seu tecido urbano e de grande heterogeneidade nos aspectos das edificações e nas formas de ocupação do solo. Privilegia então, a leitura de



# PATRIMÔNIO HISTÓRICO |

Revista PRESENÇA

gistrar também o bom trabalho de conservação do paisagismo e limpeza da Praça da Bandeira, nosso principal foco de interesse quanto a outras intervenções que, ao contrário destas, não têm contribuído para a sua preservação.

Mas, antes de proceder à análise das questões diretamente relacionadas à preservação da Praça da Bandeira, alguns outros aspectos atuais da gestão dos sítios históricos e como eles se articulam ao planejamento estratégico das cidades merecem ainda destaque.

Atualmente, focada na reabilitação urbana, a política patrimonial se desloca da limitação das mudanças, muito usada na primeira fase da sua prática, para o entendimento da inevitabilidade das mudanças e à sua gestão. A ênfase na gestão envolve estados e processos das estruturas ambientais urbanas no planejamento da conservação urbana integrada, numa nova visão que incorpora ideias do planejamento estratégico. Associando conceitos e técnicas do planejamento empresarial marketing, ao "desenvolvimento sustentável", procura-se o desenvolvimento com equidade social e visando a melhoria da qualidade ambiental, numa requalificação do espaço urbano.

A reabilitação urbana<sup>3</sup> baseia-se em princípios de economia e desenvolvimento sustentado, considerando a recuperação do estoque edificado e a manutenção do tecido social que habita os sítios históricos como essenciais para a preservação da sua identidade. É uma estratégia que procura requalificar a cidade existente através de intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, econômicas e funcionais a fim de melhorar a qualidade de vida das populações residentes. Isto deve ser obtido através da melhoria do parque construído, da reabilitação e instalação de equipamentos, infra-estruturas, espaços públicos, que ao mesmo tempo mantêm as características da área da cidade a que dizem respeito.

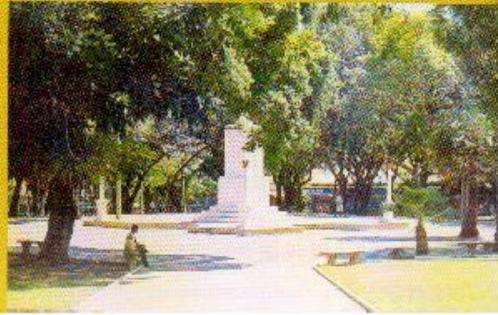
A Conservação Integrada<sup>4</sup> é um conceito que envolve uma temática ampla que define como objetivo maior do planejamento urbano e regional a conservação do patrimônio arquitetônico; a integração interinstitucional (dos diferentes níveis de governo); a intersectorial (habitação, circulação, saúde, turismo, cultura, infra-estrutura, etc.); a multidisciplinar (contribuição e participação dos

diversos campos do saber pelos métodos, técnicas, aptidões) e a responsabilidade partilhada (pública e privada) na conservação.

O desenvolvimento sustentável tem como princípio a integração entre a proteção do meio ambiente, natural e cultural, e o processo de desenvolvimento, que promova o equilíbrio social e econômico, de forma a atender as necessidades das gerações presentes e futuras. Na perspectiva urbana deste conceito, o patrimônio construído é tido como um recurso não renovável, portanto deve ser preservado. Também nesta perspectiva, as novas solicitações da sociedade devem ser atendidas através de pequeno ingresso de energia na adaptação dos recursos naturais e construídos existentes, num processo constante de reaproveitamento. Também é entendido como um processo que considera "a cultura local, a equidade na distribuição dos serviços urbanos, o uso de princípios democráticos de planejamento, e a manutenção e regeneração de valores e práticas sociais tradicionais." (Zancheti & Jokilehto, 1997)

O Desenvolvimento Sustentável se tornou então, motivação para o planejamento da conservação integrada, assim como um paradigma para todas as políticas locais de desenvolvimento, inclusive a de Teresina através da Agenda 21.

Na ocasião de preparação da Agenda muitos foram os debates que apontaram a necessidade de requalificar o sítio histórico da Praça da Bandeira, via restauração do Mercado Público, das margens do rio e de viabilizar uma solução para os camelôs das áreas do centro, retirando-os das vias públicas, o que também viria a favorecer os comerciantes formais desta área. Para todos os participantes sempre



ficou evidente a complexidade da questão e, por consequência, sua solução deveria ser amplamente negociada com todos os atores, a fim de tentar uma proposta que pudesse contemplar os diversos interesses ali envolvidos.

Mas as práticas das intervenções nesta área têm sistematicamente contrariado as expectativas dos urbanistas, técnicos do patrimônio e demais segmentos da população interessados na preservação das suas características físicas e culturais e da sua requalificação dentro dos parâmetros do desenvolvimento sustentável.

Com a imposição da obra do Metrô, na forma de elevados de concreto armado ao longo do canteiro central da Avenida Maranhão, a margem do rio Parnaíba, cuja estação de embarque foi locada bem à frente da Praça/Parque da Bandeira, procura-se agora justificar e viabilizar seu funcionamento através de uma série de intervenções, que sacrificam mais uma vez a combalida preservação deste sítio histórico. Sem nenhum apreço por sua memória histórica, Teresina volta suas costas para o rio que a concebeu, que foi sua razão de existir, propondo-se a construir à frente do cais que marcou sua origem um grande shopping popular. Conjugado à estação de metrô e destinado a reencontrar os camelôs, este shopping, devido ao requisito de grandes áreas físicas, deve estabelecer o completo confinamento deste sítio histórico que foi o primeiro portal da cidade, fechando-o definitivamente para a via de penetração do rio Parnaíba, isolando-o do seu cais.

Além disto, a fim de viabilizar o funcionamento do shopping integrado ao metrô, também os ônibus que paravam do outro lado da Praça da Bandeira foram todos transferidos para a via de frente ao Mercado Público e ao Museu do Piauí. Mesmo amenizada pelo canteiro central da avenida e significativamente melhorada tanto a ambiente quanto a visibilidade destes imóveis, agora livres da inúmeras barracas de camelôs nas suas imediações, é incompreensível e contraditória esta solução tão próxima de edifícios históricos, quando a própria administração municipal difunde uma proposta de requalificação do Mercado Central, integrando-a a uma proposta de gastronomia regional, com objetivos turísticos cultu-

rais associados ao do Museu. Fica difícil imaginar como viabilizar estes usos com uma quantidade e freqüência absurda de ônibus parando à porta, provocando poluição sonora, trepidação, emissão de gases, que prejudicam a conservação do acervo e do prédio do Museu, bem como sua visitação e a do futuro Mercado Público requalificado.

Recentemente, diversos segmentos sociais se posicionaram na luta pela definição e caracterização das funções que devem prevalecer neste espaço público da Praça da Bandeira, que é vital para a cidade. De um lado, o pragmatismo do poder público municipal de buscar solucionar a ocupação caótica das áreas centrais da cidade pelos camelôs, propondo intervir mais uma vez nos espaços públicos das belas praças da região, mas agora para construir estruturas físicas de grande porte para uma atividade que se caracteriza pela informalidade. E assim ignora-se totalmente o imenso potencial que as significativas qualidades e ameaças ambientais proporcionadas pelo parque arborizado, bem conservado como atualmente tem sido feito, conjugadas e articuladas ao rio e até a uma proposta menos agressiva de chegada em superfície do metrô à área, representaria para toda a população. De outro, segmentos sociais, movidos e unidos pela defesa do Museu Histórico do Piauí, principalmente por perceberem que o deslocamento de todas as paradas de ônibus da área central para a avenida em frente ao seu prédio, é incompatível com a sua valorização e fruição.

Será esta a única solução, como também nos foi imposta a solução do Metrô de Teresina, para promover a acessibilidade à área central da cidade? Tem-se que constranger toda a população a aceitar docilmente a paulatina destruição de suas referências culturais em nome de um "progresso" extremamente duvidoso e concentrador ou de uma solução para a retirada dos camelôs das ruas centrais?

Infelizmente, mais uma vez o interesse dos grupos preservacionistas neste sítio não é considerado tão importante quanto a questão dos camelôs e da acessibilidade ao centro. Estes todos são interesses legítimos e devem igualmente ser buscados, então por que a preservação tem sido sistematicamente derrotada e não considerada nas negociações?





Estas são perguntas necessárias e que precisam ser encaradas com coragem. Os argumentos e as manifestações dos preservacionistas ainda são fracos e insuficientes porque limitados a um pequeno grupo de pessoas, identificados com intelectuais e artistas, e que penetram muito pouco entre os demais grupos sociais.

Resta saber se haverá o que ganhar nestas negociações ou se haverá vencedores, pois afinal não se pode pensar apenas em resolver os problemas atuais da sociedade, o que em si já não está sendo contemplado, pois se ignora e se desacaracteriza a identidade deste sítio histórico, representativo para muitos segmentos sociais. Se o que se almeja é um desenvolvimento sustentável, há que se ter genuína preocupação com a qualidade do legado de referências culturais e recursos ambientais que a cidade de Teresina oferecerá ao usufruto das gerações presentes e futuras.

Portanto, é pensando nestas futuras gerações e no legado que nós, homens atuais, estamos lhes deixando, que nossas esperanças se voltam para a educação patrimonial e ambiental. Estes temas, se abraçados por todos com energia, poder público e sociedade, dentro do processo educacional, poderão representar uma mudança de comportamento em relação a estes bens, preservando-os para o benefício de nossos descendentes e nos redimir pela indiferença atual. Eis o desafio de nosso tempo!

## NOTAS:

- 1 Fundado no IJCMC - Conselho Internacionais de Monumentos e Sítios que reúne na Città del Vaticano os 45 países que assinaram a Carta do Vaticano de 1964.
- 2 Lei nº 3.557, de 16 de agosto de 1966. Cria o Instituto de Pesquisas e Desenvolvimento, assim como o processo de licenciamento cultural e a sua competência.
- 3 Tercena, 1996. Cidade de Lamas, no Maranhão. Licenciamento de Desenvolvimento Urbano - Licençamento Urbanístico. De 1996.
- 4 Tomar posse na sede presidente na década de 70, destacando-se a Década de Amazônia, da Zootecnia e Patrimônio Arquitetônico e Urbanístico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CARTA PATRIMONIAL Cidade de Teresina nº 5, 1996. Brasília: MCT/ INAP/CARTA PATRIMONIAL. Disponível em: [www.mct.gov.br/inap/carta-patrimonial/carta-patrimonial.html](http://www.mct.gov.br/inap/carta-patrimonial/carta-patrimonial.html). Acesso em: 27 Fevereiro de 2007.
- CONSELHO NACIONAL DE MONUMENTOS E SITIOS (CNM) - CONSELHO NACIONAL DE MONUMENTOS E SITIOS. Conselho Nacional de Monumentos e Sítios. Brasília: CNM, 2000.
- CONSELHO NACIONAL DE MONUMENTOS E SITIOS (CNM) - CONSELHO NACIONAL DE MONUMENTOS E SITIOS. Conselho Nacional de Monumentos e Sítios. Brasília: CNM, 2000.
- FIGUEIREDO, Maria R. M. Sobre o Patrimônio. In: *Monografias de 1996*. Brasília: MCT/ INAP/Carta Patrimonial, 1996. Disponível em: [www.mct.gov.br/inap/carta-patrimonial/carta-patrimonial.html](http://www.mct.gov.br/inap/carta-patrimonial/carta-patrimonial.html). Acesso em: 27 Fevereiro de 2007.
- MOTTA, Luiz. 1995. Urbanização Sustentável: o desafio das cidades. In: *Desafios da Cidade: Universidade e Cidade: transformações e desafios à distância*. Rio de Janeiro: Universidade da UFRJ.
- SANT'ANNA, Mônica. Teoria e Prática nas Conservações Arqueológicas: reflexões sobre a prática da conservação arqueológica. In: *Arqueologia e Conservação de Bens Arqueológicos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- SOUZA, Ivan. A. P. & J. F. RODRIGUES. 1997. *Urbanização e Urbanismo Cultural: Balanço, Risco e Reflexões - o impacto das mudanças urbanas na cultura contemporânea e o risco de sua perda*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- SOUZA, Ivan. 1998. *A Importância do Arco Olímpico como Exemplo de Desenvolvimento Local: Análise do Caso Rio de Janeiro*. *Portfólio: Revista Brasileira de Sustentabilidade*, 5, 321-334.

\* Diva Maria Freire Figueiredo é arquiteta pela UFMS, mestre e doutoranda em Desenvolvimento Urbano pela UFPE, técnica e Superintendente da 19<sup>a</sup> SR-PI do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

## Memória Fotográfica Praça da Bandeira e Suas Lembranças

José Elias Arêa Leão

Fotos: Arquivo Público/Museu do Piauí/  
Francisco Ansteiny/Eduardo Neves



### NOTÍCIAS DA IMPRENSA

Praça da Constituição - Praça Morechal Deodoro - em o Piauí de 1850 - os recém possuidores festejaram a Bandeira na sua área aberta da praça. Daí o seu nome, desabridamente a designação do Prédio Fazenda Municipal, que continha os primeiros escritórios e concelebra a praça com plena e libres.

Praça da Constituição - Foto do inicio do século XX.

Em 25/04/1850, foi plantada a Pedra Fundamental daquela que seria a primeira edificação da cidade - a Matriz do Amparo (Prédio mais alto, foto ao lado). A Matriz foi inaugurada na noite de Natal de 1852. Em torno dela nascem a Capital da Província do Piauí.

# PATRIMÔNIO HISTÓRICO |

Revista PRESENÇA



## NOTÍCIAS DA IMPRENSA

Notícias de Recife e trazendo para a cidade.  
Foi encerrado para o dia 21 de setembro, a inauguração da Praça  
de Bandeira - e será realizada em comemoração à Independência  
de 1964, 30 de Novembro.

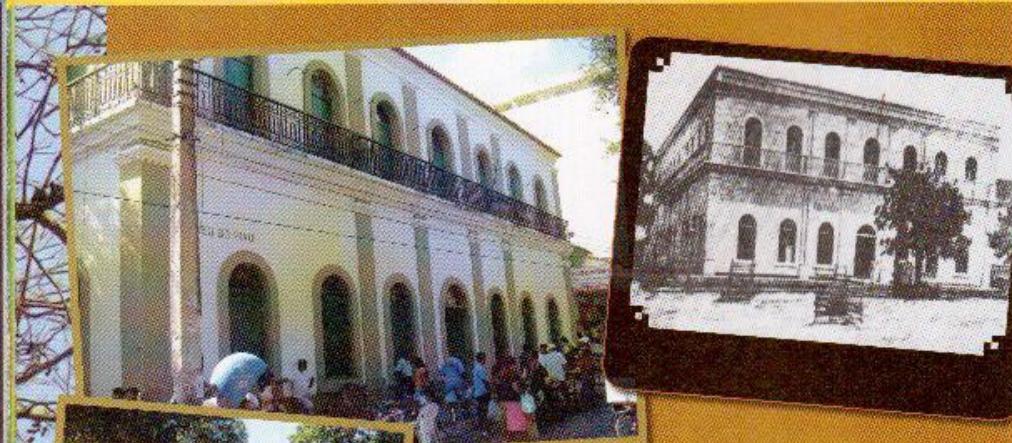
Coluna de mármore com as seguintes inscrições: "JOSEPHUS ANTONIUS SARAIVA  
- HANC URBEM CONDIDIT - ANNO D. NI  
- MDCCCLII" - e na outra: "PIAUENSES  
- GRATI HOC FECERUNT - ANNO D. NI  
- MDCCCLVIII". Tradução do latim: "José  
Antônio Saraiva fundou esta cidade no ano do  
Senhor de 1852" - "os piauenses agradecidos,  
levantaram-lhe este monumento no ano  
do Senhor de 1858". A coluna foi fundada em  
pedestal, perto do marco zero da cidade, onde  
existia uma cruz.



Receita Federal - O Antigo Prédio do Tesouro Provincial, posteriormente Repartição da Fazenda Estadual, Di-  
retoria de Obras Públicas e Faculdade de Direito do Piauí, foi demolido durante o governo Helvídio Nogueira  
(1966/1970), para que no local fosse construído um edifício que abrigaria as diversas repartições do Estado.  
Ainda em construção o prédio foi vendido à Receita Federal que concluiu a obra e instalou-se ali.

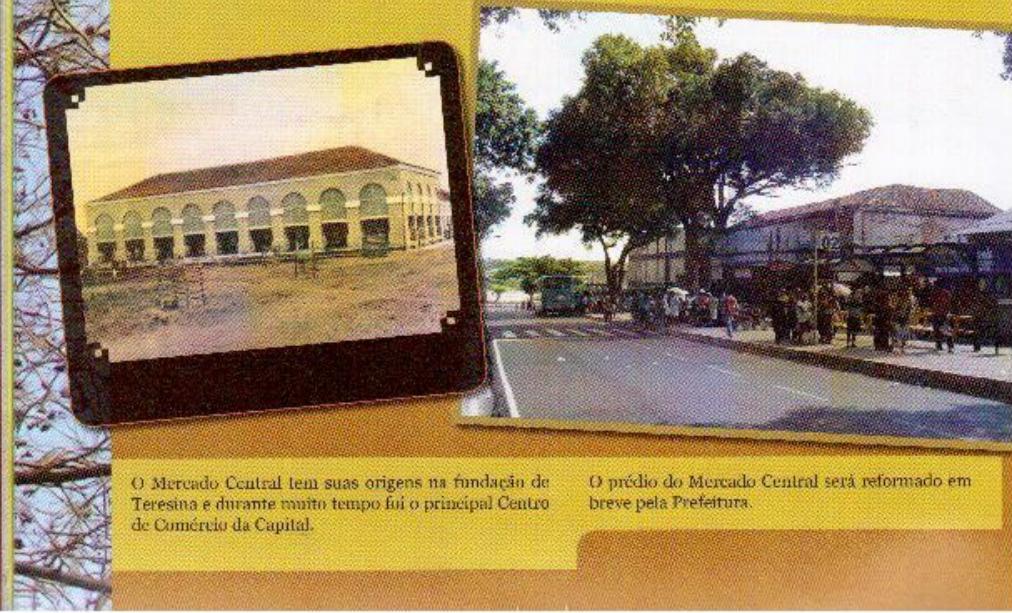
# PATRIMÔNIO HISTÓRICO |

Revista PRESENÇA



Museu do Piauí – Antiga residência do Comendador Jacob Manuel de Almeida. Data da Construção: 1857/1859. Posteriormente tornou-se Palácio do Governo Provincial e sede do Poder Judiciário. Em 22 de dezembro de 1980, no governo Lucídio Portela, sendo secretário de Cultura Wilson Brandão, depois de ampla reforma, passou a sediar o Museu do Piauí – hoje Museu do Piauí - Casa de Odilon Nunes.

Hoje há um terminal de ônibus em frente ao Museu.

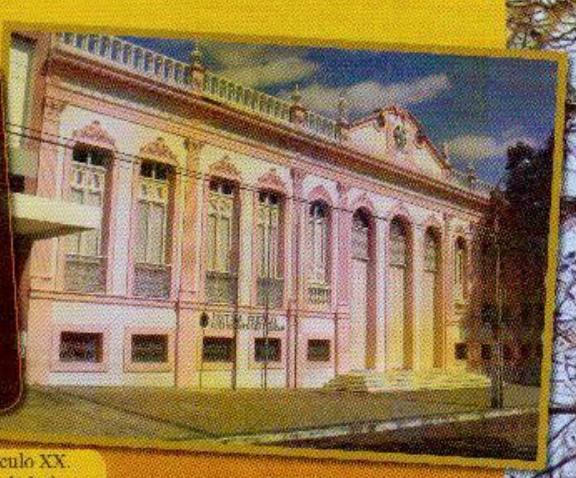


O Mercado Central tem suas origens na fundação de Teresina e durante muito tempo foi o principal Centro de Comércio da Capital.

O prédio do Mercado Central será reformado em breve pela Prefeitura.

# PATRIMÔNIO HISTÓRICO |

Revista PRESENÇA



A Delegacia Fiscal - Foto do inicio do século XX.  
A sua fachada foi preservada até os dias de hoje.  
O prédio hoje é sede da Justiça Federal.



O mais antigo Fórum de Teresina - o prédio foi demolido há muito tempo. No local foi construído o Hotel Piauí, atualmente, Lavor Hotel do Piauí.

## NOTÍCIAS DA IMPRENSA

1954 - dia 3 de janeiro.  
Inauguração do Hotel Piauí, um grande edifício neopavimentado, moderno de 7 andares, ampla e moderna, recursos de primeira linha, no centro de Teresina, dentro de outros novos edifícios, Hotéis e comércio e bares.

## NOTÍCIAS DA IMPRENSA

1973 - O hotel inaugurado, contém de 210 leitos, com a presença de autoridades e convidados de outros municípios vizinhos e do Hotel mais econômico preço acomoda 60. Fábio Guedelha presidente, situa-se na Praça da Matriz, no centro da cidade.  
Nas salas, temos capacidade para diferentes setores administrativos separamos o comércio de comendo, dando ao último, espaço no prédio. Na noite com a passagem de seu gramado, o hotel adquire maior charme se o círculo e preços de 1,50 reais cada.

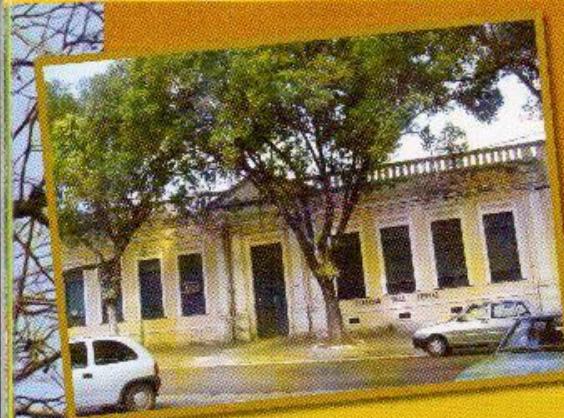


Banco do Nordeste do Brasil SA - Neste local foi levantada uma casa de pau-lata, que funcionou como a 1ª Sede do Governo Provincial. Nos meados do século passado foi construído o prédio da antiga Casa Inglesa. Atualmente é a sede do Banco do Nordeste.



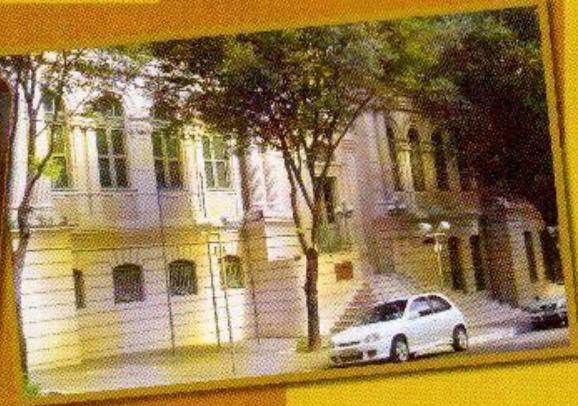
# PATRIMÔNIO HISTÓRICO |

Revista PRESENÇA



A Antiga Intendência Municipal - Prédio projetado e construído pelo Engenheiro Antônio Freire da Silva - funcionou como sede do Conselho Municipal e Gabinete do Intendente. Foi inaugurado em 21 de abril de 1903 pelo Intendente Benjamim de Sousa Martins. A 30/12/1917, em seu salão nobre foi criada a Academia Piauiense de Letras. A 12/10/1922, foi o local de criação do Clube dos Diários. Durante muitos anos foi a sede da Prefeitura Municipal de Teresina (até 1969) - atualmente funciona neste prédio a Fundação Wall Ferraz.

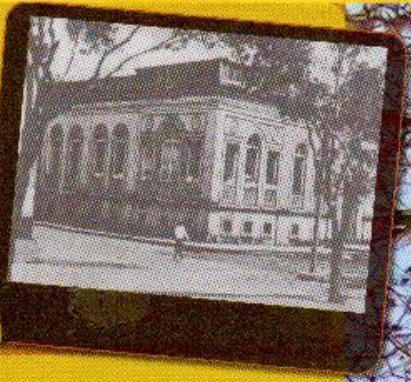
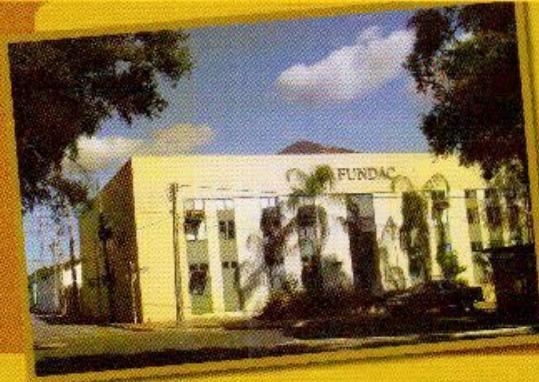
Movimento Cívico em frente à Intendência Municipal. Foto do início do século XX.



Palácio da Cidade - Conhecido como a Casa do A.B.C, antiga Escola Normal, esse prédio teve a construção iniciada no governo João Ianz Ferreira em 1919, pelo engenheiro Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves. A obra foi concluída e inaugurada em 1924, pelo governador Matias Olímpio de Melo. Cedida pelo governador Hugo Napoleão, depois de passar por reformas e adaptações, foi transformada em sede da Prefeitura Municipal de Teresina - Palácio da Cidade - pelo prefeito Antônio de Freitas Neto, em 20/12/1985.

# PATRIMÔNIO HISTÓRICO |

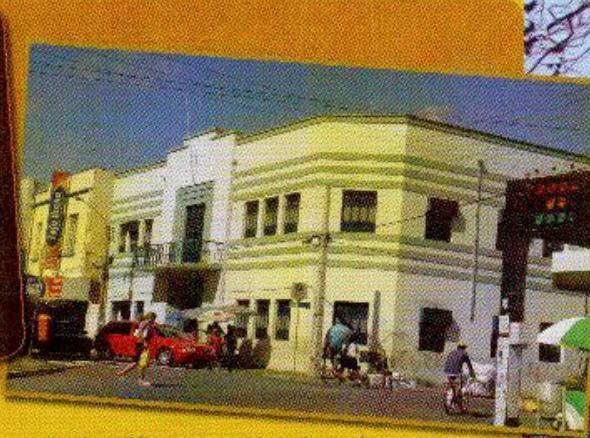
Revista PRESENÇA



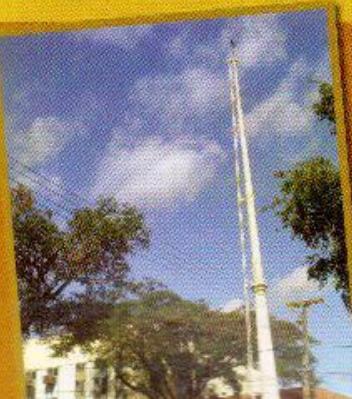
Prédio da antiga Assembleia Legislativa (à direita), substituído por outro (à esquerda), atual sede da FUNDAC, reformado no governo Hugo Napoleão, sendo secretário de Cultura - Jesualdo Cavalcanti, para funcionar desde então a Fundação Cultural do Piauí.



A Antiga Mesa de Rondas durante a grande enchente de 1929. Neste local foi construído o prédio da LOTEPI e atualmente funciona repartição da Secretaria de Fazenda.



Arquivo Público - Casa Anísio Brito - prédio construído no Governo Leônidas Melo pelo engenheiro Cicero Furtado de Sousa Martins, que utilizou as sobras de material do Hospital Getúlio Vargas, sendo inaugurado em 1941. Até 1980, o seu andar superior era ocupado pelo Museu do Estado. Hoje é o depositário fiel do acervo inestimável do Arquivo Público do Piauí.



Torre do Antigo Telégrafo - situado na esquina do IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na Praça Marechal Deodoro. A grande torre levava os fios de comunicação do Piauí para o Maranhão. O trabalho foi suspenso após um acidente com um hidro-avião da Condor, que descia nas águas da Parnaíba, em várias cidades piauienses, de Parnaíba a Uruçuí.

# PATRIMÔNIO HISTÓRICO |

Revista PRESENÇA



Em 1858, foi criada a Companhia de Navegação do Parnaíba. Até a década de 1940, as embarcações fluviais eram o meio de transporte mais importante para passageiros e escoamento de mercadorias. A fotografia mostra uma embarcação no cais do rio Parnaíba, em Teresina.

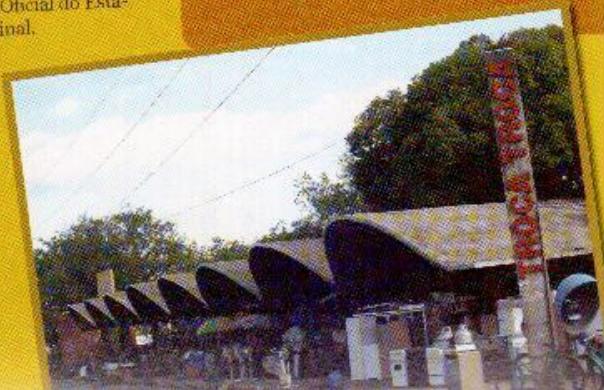
A Construção do Terminal do Pré-Metrô, em frente à praça Marechal Deodoro e do rio Parnaíba.



Companhia Editora do Piauí (COMEPI). O antigo prédio, onde funcionou a Imprensa Oficial do Estado, guarda ainda a sua fachada original.



O Troca-Troca - Atração turística e cultural em frente ao Rio Parnaíba.



**PATRIMÔNIO HISTÓRICO**

*Revista PRESENÇA*

Foto: Reprodução: Arquivo da Fundação Cultural do Piauí

Igreja de Nossa Senhora do Amparo, no final da década de 40.

Parque da Bandeira - As árvores, o pombo e o Teatro de Arena. Recentemente, a praça foi reformada pela Prefeitura Municipal de Teresina.

\* José Elias Araújo Leão é economista, ex-presidente da Fundação Cultural do Piauí, natural de Teresina-PI, 1999.

# HOMENAGEM A TERESINA |

Revista PRESENÇA

## ESTIGMAS

Carvalho Neto\*

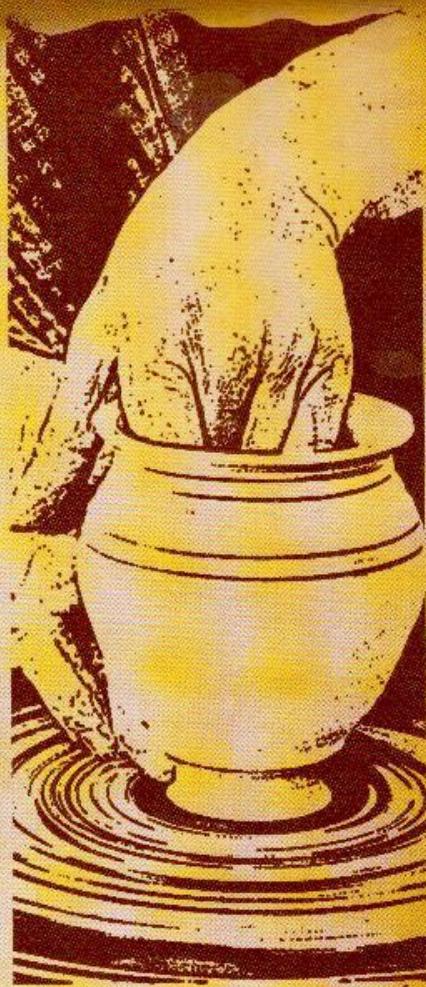
devolva  
meus sapatos rotos  
que já não tenho estradas sem fim.

devolva o círculo dos ventos  
onde jovens valsavam suas esperanças  
e risos  
ao sabor das águas e dos mitos  
flores de beira rio.

devolva as escrituras  
não as do mar morto  
as gravadas na cerâmica  
bela e frágil  
do poti velho.

devolva o princípio mágico  
o verbo, o poema.

\*Carvalho Neto, poeta, natural de Amarante-PI, 1954.



Homenagem a Teresina no 154º aniversário de sua fundação, 14 de agosto de 1852.

## ENTREVISTA | MONS. CHAVES

Revista PRESENÇA

### *Monsenhor Joaquim Chaves: Serenidade, Lucidez e Humor*

2003 - Monsenhor Chaves na comemoração dos seus 90 anos

Se me pedissem hoje uma definição do Mons. Chaves, eu recorreria a um fragmento do verso de Quintana: "Um menino que envelheceu, um dia, de repente". Aos 93 anos de idade, Mons. Joaquim Chaves não perdeu a curiosidade que o instigou a realizar pesquisas indispensáveis à compreensão de fatos cruciais da história do Piauí; tampouco matou o "moleque Chaves" que, no seminário, atazanava os colegas. Lúcido e bem-humorado, parece ter plena consciência de que "combateu o bom combate". Serenamente, se diz pronto para receber a "indesejada das gentes". Corajoso, afirma que, em determinado momento da vida, foi mais pesquisador do que sacerdote, "pecadilho" (expressão dele) perfeitamente justificável diante da obra que produziu.

Em companhia do Prof. R. N. Monteiro de Santana, fui visitá-lo na tarde do dia 17 de julho, próximo passado, sem outro objetivo que não reverenciarlo. Ao longo de duas horas, falamos de quase tudo. Só então me dei conta de que tinha em mãõ uma bela entrevista que, por sua importância, deve ser compartilhada com o maior número possível de leitores. Assim seja.

**Presença** - Conta-se, com uma pontinha de mal-dade, que as famílias tradicionais do Piauí decidiam o destino dos filhos com base no seguinte critério: o garoto mais falante e bisbilhoteiro era escolhido para ser advogado; o que mentia com maior desenvoltura e furtava a merenda dos irmãos era encaminhado para a política; o mais delicado, obediente e mofino, era enclausurado no seminário. No seu caso, até que ponto houve interferência da família para que o senhor se tornasse sacerdote?

**Mons. Chaves** - Não houve qualquer interferência. Se dependesse de minha família, eu seria soldado e não sacerdote. A carreira militar, aos olhos do meu pai, era bem mais atraente; dava mais prestígio. Tornei-me sacerdote por decisão pessoal, por vocação. Na meninice, descobri que a igreja era o meu mundo: tornei-me acólito e, mais tarde, sacerdote.

**Presença** - Certa feita, o senhor afirmou que a sua relação com D. Severino, arcebispo de Teresina, foi difícil, conflituosa. Como superou as divergências para continuar na igreja?

**Mons. Chaves** - É verdade: minha convivência com ele foi marcada por conflitos e divergências

Círcus Santos\*

Todos: Arquivo da Família

## ENTREVISTA | MONS. CHAVES

de toda ordem. Tínhamos temperamentos bem diferentes. Ele era excessivamente duro, rigoroso, exigente. Quanto a mim, os colegas me chamavam de "moleque Chaves". Eu sempre fui muito alegre, brincalhão, liberal. Houve uma época em que, por conta dos nossos constantes desentendimentos, cheguei a pensar em ir embora. Quando estive em Olinda, convivi com alguns beneditinos, que estudavam conosco. A vida deles me pareceu muito interessante, com trabalho, ação. Pensei então em me tornar beneditino. Um dia, fui procurar o superior no mosteiro deles. Lá, fui recebido pelos ex-colegas que me perguntaram: - *O que você está fazendo aqui, moleque Chaves?* Respondi: Vim tornar-me beneditino. Eles caíram na gargalhada e disseram: *Deus nos livre de você aqui! Aqui não é lugar para você.* E explicaram: *Fique lá mesmo onde você pode aprontar suas dananças e, quando ninguém mais o suportar ou quando você se desentender com o seu superior, você pode mudar de diocese. Aqui, não: você terá que suportar tudo a vida inteira.* Assim, acabei não me tornando beneditino.

**Presença** - Quando o senhor dirigiu o Colégio Diocesano, houve um incidente mais grave que resultou no seu afastamento da direção do colégio, não?

**Mons. Chaves** - Houve, sim. Eu era muito jovem e dirigia o colégio com muito liberalismo, digamos assim. Eu jogava bola com os alunos. Esse aí (apontando para o prof. Santana) jogou futebol comigo.

**Presença** - Santana costuma gabar-se de ter sido um excelente ala esquerda, é verdade?

**Mons. Chaves** - Não me lembro bem.

**Presença** - Então, não era.

**Mons. Chaves** - Um dia, D. Severino chegou ao Diocesano e me disse: - *Padre Chaves, eu não quero mais esses meninos misturados, não. Os maiores podem corromper os menores.* Então eu perguntei: Onde eles vão recuar? Ele disse: - *Os maiores ficam lá dentro mesmo; os menores ficam aqui no pátio, na frente do colégio.* Tentei argumentar: D. Severino, o sol ali na frente é muito forte: as crianças não suportarão. Ele encerrou a

1931 - Com um grupo de teólogos no seminário de Olinda



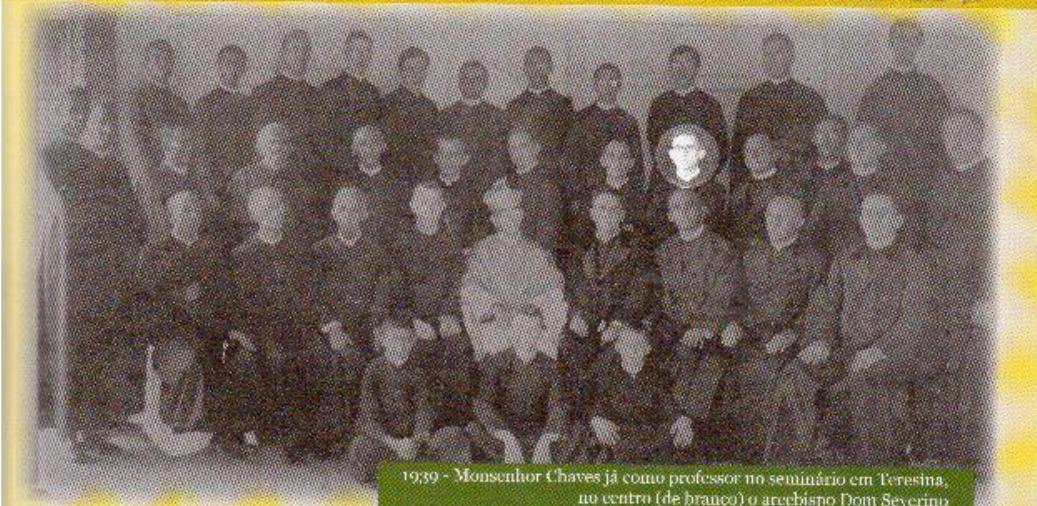
conversa dizendo: - *Eu quero assim e assim, será.* Então, eu falei: Assim, eu não faço. Pouco tempo depois, chegou ao Diocesano o Paulo Libório, recém-chegado de Roma, com uma carta de D. Severino na qual ele afirmava que, tendo em vista nossas divergências, eu deveria passar a direção do colégio ao Paulo Libório. Chamei o Pe. Rego, que era meu auxiliar, pedi-lhe que ajitasse a papelada e entreguei o colégio. Perguntei ao Paulo: Para onde eu vou? Ele disse: *Para o Seminário. Lá existe um quartinho para você.* O diretor do Seminário, que ficava ali na Casa do Barão, era o Pe. Leucílio, que era muito meu amigo. Ele me recebeu de braços abertos, me acolheu com o maior carinho e eu continuei tocando minha vida. Nessa época, eu lecionava francês no Liceu, ganhava muito bem, podia manter-me sem maiores problemas. O dinheiro era suficiente para suprir as minhas necessidades e ainda sobrava alguma coisa que eu mandava para minha mãe. Não tive maiores problemas. Um dia, chegou o Pe. Rego e me disse: - *O Velho (era assim que o chamávamos) está danado contigo e mandou te chamar. Quer falar contigo urgente.* Pensei em não ir, já que eu estava ali "de castigo". Mas fui procurá-lo no Palácio Episcopal. Encontrei-o nos aposentos dele, sentado, pernas cruzadas, fumando. Ele fumava muito. Ele fez de conta que não me viu. Sem levantar a cabeça, declarou: - *Você é pírrônico, mas eu também sou. Vá assumir imediatamente a paróquia de Nossa Senhora do Amparo.* Acho que era uma punição. O certo é que isso se deu em 27 de julho de 1941. Estou lá até hoje.

1931 - Turma dos Alunos Convidados do Curso de Filosofia em Olinda



# ENTREVISTA | MONS. CHAVES

Revista PRESENÇA



1939 - Monsenhor Chaves já como professor no seminário em Teresina, no centro (de branco) o arcebispo Dom Severino

**Presença** - Certa feita, o senhor me disse que houve uma época em sua vida em que perdeu completamente a fé. Como a readquiriu?

**Mons. Chaves** - Foi justamente nessa época. Eu ainda era jovem, tinha bastante entusiasmo, e a igreja estava passando por profundas transformações. À época, eu lia muito uma revista chamada *Concílio*, francesa, com idéias muito avançadas. Então, eu fiquei no ar, perdi o norte. Tudo o que eu tinha aprendido no seminário parecia errado, ultrapassado. Eu disse: Meu Deus, o que vou fazer de minha vida? Casar-me? Impossível: eu não tinha maior interesse por mulher e não pensava em constituir família. Fiquei literalmente no ar...

**Presença** - Como o senhor se reencontrou?

**Mons. Chaves** - Veja como são os designios de Deus: eu estava nesta confusão mental, sem acreditar em nada, sem achar um rumo, quando comecei a me interessar pelas pesquisas históricas. Não seria exagero afirmar que a história me salvou. Eu mergulhei nas pesquisas, ocupei minha cabeça com uma coisa fascinante e útil e, aos poucos, fui me reencontrando, dando um sentido à minha vida.

**Presença** - Como o senhor conseguiu conciliar suas obrigações sacerdotais com as atividades de pesquisador?

**Mons. Chaves** - Houve um momento em que fui mais pesquisador do que sacerdote. Mas sempre procurei cumprir minhas obrigações para com a igreja. De qualquer forma, não tenho dúvida de que a pesquisa me reaproximou de Deus.

**Presença** - Que historiadores piauienses mais o influenciaram?

**Mons. Chaves** - Abdiás Neves, Odilon Nunes e

R. N. Monteiro de Santana. Acho que o Odilon foi quem me apontou o rumo que me parecia certo. Me ensinou, acima de tudo, a levar a pesquisa a sério. Mas o Abdiás Neves era um intelectual de uma cultura extraordinária. Eu o conheci na casa do meu tio Antônio Chaves. Os dois eram amigos. Às vezes, ele aparecia na casa do meu tio e podíamos conversar.

**Presença** - Abdiás Neves era um intelectual ateu, que fustigava a igreja com artigos contundentes e até com romances. *Um Manicata* (1909) é um exemplo disso. Como um ateu e um sacerdote entendiam-se?

**Mons. Chaves** - Para mim, isso nunca foi um problema: eu considero todo mundo filho de Deus. Isso simplifica as coisas. A fé é um dom concedido por Deus; uns têm mais; outros, menos. Isso não pode, contudo, ser motivo para conflitos. Na verdade, acho que o Abdiás não era tão ateu como afirmam. É verdade que ele combatia aquela igreja velha, rígida, pressa a preceitos e dogmas, mas era um homem aberto ao diálogo. Tenho certeza de que, se vivesse hoje, não seria um ateu.

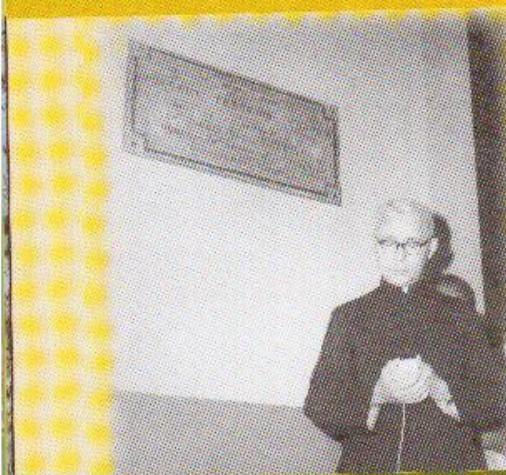
**Presença** - No livro *A Guerra do Pidié*, o Sr. não acha que o Abdiás romanceia muito?

**Mons. Chaves** - Concordo plenamente: há muita ficção naquele livro. Mas há também páginas memoráveis. Abdiás foi um homem preso às idéias do seu tempo. Isso o marcou muito.

**Presença** - A profa. Teresinha Queiroz afirma ser o Sr. "o historiador do povo piauiense", ou seja, o historiador que deu voz aos que, normalmente, não têm voz nem vez. Foi uma atitude consciente ou simples intuição?

## ENTREVISTA | MONS. CHAVES

Revista PRESENÇA



1960 - Monsenhor Chaves na comemoração dos seus 25 anos de ordenação sacerdotal

**Mons. Chaves** – Não foi intuição. Foi o meu contato permanente com o povo. Eu sou um sacerdote e estive sempre em contato com os mais humildes. Eu sempre vi o povo trabalhando, agindo, produzindo. Fui me convencendo de que o povo é o verdadeiro protagonista da história. Acho que fiz a coisa certa.

**Presença** – O Sr. iniciou sua trajetória como historiador com o livro *Teresina – Subsídios para a História do Piauí*. Em sua opinião, a decisão de José Antônio Saraiva de transferir a capital do Piauí de Oeiras para Teresina e não para Parnaíba, no litoral, pareceu-lhe acertada?

**Mons. Chaves** – Sim. A principal preocupação de Saraiva era neutralizar a influência de Caxias, próspera cidade maranhense, no norte do Piauí. E conseguiu. Além disso, fundou a cidade à margem do Parnaíba, principal via de escoamento das riquezas do Piauí.

**Presença** – Quando se fala da fundação de Teresina (1852), nunca se destaca o papel dos escravos negros trazidos de Oeiras para a edificação da nova capital. É como se o Conselheiro Saraiva, com um toque de mágica, tivesse construído a cidade sozinho. Não se trata de uma injustiça para com os negros?

**Mons. Chaves** – Sem dúvida. Ainda não se destacou o papel do negro na construção da nova capital. É um desafio para os novos historiadores.

**Presença** – Outra história que ainda não foi devidamente contada, apesar dos esforços de Alcides Nascimento e Afonso Ligório, é a da destruição criminosas das casas de palha de Teresina na década de 40. Em sua opinião, os intelectuais de sua geração

e, principalmente, a igreja não foram omissos?

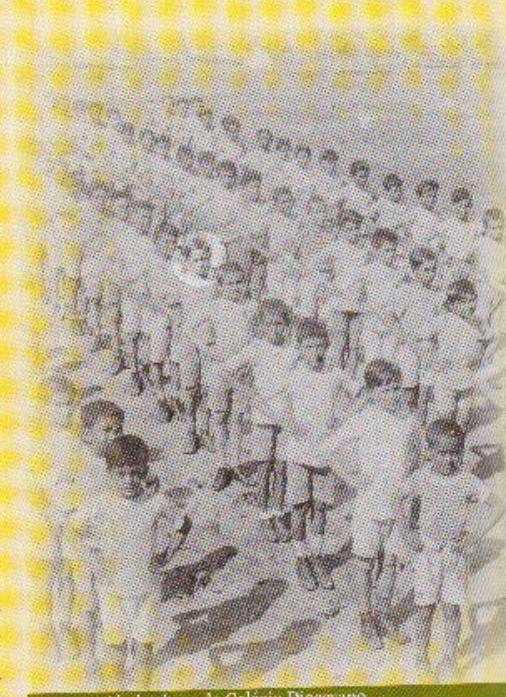
**Mons. Chaves** – Com certeza. Tanto os intelectuais como a igreja viam os incidentes como uma simples "briga política" entre o interventor e a oposição. Não elevaram a voz como deveriam. Na igreja, tínhamos orientação expressa para não nos manifestar no púlpito. Foram incidentes terríveis que provocaram sofrimento aos mais pobres. Sem contar as prisões, torturas e mortes de inocentes...

**Presença** – Como sacerdote e como historiador, o senhor acredita ter cumprido bem o seu papel?

**Mons. Chaves** – As vezes, acho que exageraram muito em relação ao que fiz. Certa feita, o Santana me levou a Brasília para falar sobre a história do Piauí para professores e estudantes da capital da República. Não sei se tenho essa importância que me atribuem. Procurei apenas fazer a minha parte.

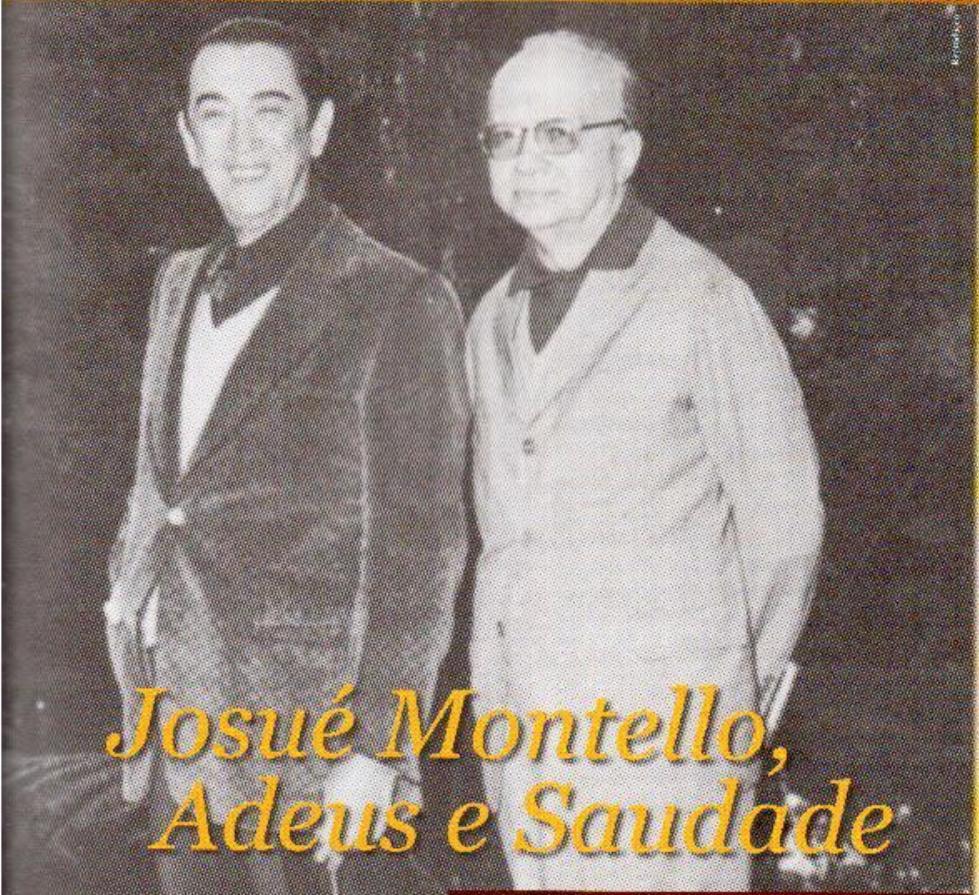
**Presença** – Verdade que o senhor pretende ser sepultado no Cemitério do Jenipapo, em Campo Maior?

**Mons. Chaves** – É verdade. Quero repousar entre os que, anonimamente, deram sua vida pela causa da independência do Brasil.



1925 - Ainda aluno do Colégio Diocesano

<sup>2</sup>Cícero Santos é professor e membro do Conselho Estadual de Cultura do Piauí.



## *Josué Montello, Adeus e Saudade*

M. Paulo Nunes  
Foto: Arquivo da Família

A vida intelectual de cada um de nós constitui uma espécie de "corsi i ricorsi", como diriam os italianos, em que as preocupações intelectuais vão e vêm, conforme o fluxo momentâneo de nossas paixões, de nossos interesses ou às vezes de nossas divagações como puros espíritos. Assim, no curso de nossas vidas, que no meu caso agora se aproxima de "la ultima vuelta del camiño", como diria o romancista Pío Baroja, vão e vêm essas preocupações, dependendo, às vezes, ora de um livro que nos surpreende, ora de uma conversa marcante, ora mesmo do tédio de viver que freqüentemente nos assalta e faz com que o afastemos com a re-leitura de um autor de nossa preferência que, no

meu caso particular, são muitos, porquanto sempre fui um leitor compulsivo com uma inesgotável curiosidade intelectual.

As vezes ocorre comigo (deve ocorrer também com a maioria das pessoas que me ouvem) de olhar pesaroso para uma ruma de obras recém-adquiridas e fustigar-me o remorso de ainda sequer as ter folheado, o que dá à gente uma sensação de um dever não cumprido.

André Maurois, em suas *Memórias*, que li ainda na adolescência, no período da segunda Guerra Mundial, quando se refugiara nos Estados Unidos fugindo à fúria de Hitler contra os judeus e contra a inteligência, no momento em que os

## ESPECIAL | JOSUÉ MONTELLO

Revista PRESENÇA

seus livros se tornaram verdadeiros "best-sellers", a partir do sucesso de *Os Silêncios do Coronel Bramble*, que praticamente o lançaria na grande literatura. Maurois dizia que quando vivia na província francesa trabalhando numa empresa de sua família, mas, com um permanente interesse intelectual, interesse a que ele dava curso à noite, depois das tarefas diárias, com suas leituras ou com suas tentativas de escrever alguma coisa, contemplava à distância, com verdadeira veneração, aqueles que se constituíam nos luminares da cultura francesa que à época (bons tempos aqueles) era a cultura universal que incorporávamos à nossa formação.

Josué Montello, há pouco desaparecido e agora objeto de nossa evocação, em um de seus últimos livros, editado pela Academia Brasileira de Letras, *Reencontro com Meus Mestres* (2003) fez aquilo que todos nós desejariam também fazer, ou seja, recensear as influências dominantes em sua formação intelectual, mediante o repasse dos autores com os quais se encontrou ao longo da vida. Para mim isto constituiria tarefa difícil. Primeiro, por não possuir as qualidades fundamentais de um grande escritor (valha a modéstia, que não é falsa). Depois, por não dispor daquele poder de síntese do autor de *Os Tambores de São Luís*, e imitá-lo em sua forma sucinta de resumir com sua lúcida interpretação fatos e personagens de nossa vida intelectual.

Assim, além daqueles autores basilares em nossa formação intelectual, ou seja, na formação intelectual de minha geração, ou ainda na minha preparação para o magistério da nossa língua, esta "última flor do Lácio inculta e bela", como diria Bilac, hoje desgraçadamente tão maltratada, teria que enumerar também aqueles que, e foram inúmeros - pensadores, sociólogos, historiadores, romancistas, críticos literários, tanto da nossa quanto das outras culturas afins, fui descobrindo e adotando como leitura obrigatória ao longo da vida, ou ainda os que davam o tom à cultura brasileira em nossos dias e seriam assim nossos contemporâneos.

Na Fundação Getúlio Vargas, quando ali participei de um curso opcional sobre cultura brasileira com que suavizava um pouco a aridez das aulas do curso de administração pública que ali realizara, ministrado por especialistas estrangeiros, assisti a um verdadeiro desfile de personalidades dos mais variados campos e realzes de nossa vida mental, como Alceu Amoroso Lima, Sobral Pinto, Gustavo Barroso, um dos melhores conferencistas que já ouvi, Afonso Arinos de Melo Franco, Castro Rebelo, Lourenço Filho, como Anísio Teixeira, um

dos renovadores de nossa educação, e outros tantos que a memória infeliz não pôde reter. Leitor de muitos deles, foi aquele um momento de alegria e de reencontro.

Com Anísio Teixeira, por exemplo, eu me reencontraria inúmeras outras vezes, não apenas pela leitura de seus admiráveis livros de análise do fenômeno educacional brasileiro, com o seu denso prefácio ao livro de Dewey – *Educação e Democracia*, como no antigo Conselho Federal de Edu-



cação, na Associação Brasileira de Educação, em suma, nos principais fóruns de educação do país. Baixinho, magro, elétrico, lembrando em seu perfil o ator Procópio Ferreira, era uma inteligência em ebulição permanentemente, marcada pelo toque da genialidade. Que grande e inesquecível figura humana e o quanto me ajudou em minha luta de servidor da educação pública!

Por que estou aqui agora a evocar esse passado e essas figuras? Sinceralmente não sei.

Talvez, (quem sabe?) pelo desejo incons-

## ESPECIAL | JOSUÉ MONTELLO

Revista PRESENÇA

ciente de retorno ao passado, porquanto todos nós somos seres perniciados de lembranças, guardadas intactas em nossa memória involuntária, prontas a deflagrar a qualquer momento, à maneira do autor de *Em Busca do Tempo Perdido*, e tentar perfazer com ele, através de sua obra monumental, aquela parábola por ele vivida. Partindo do *Caminho de Swann*, passa pelo *Caminho de Guermantes*, namora À Sombra das Raparigas em Flor, por *Albertina Desaparecida*, por *Sodoma e Gomorra*, para concluir com o *Tempo Reencontrado*. É nessa parte que o autor dessa epopéia heróicômica, como a denominou o crítico Álvaro Lins, em um dos melhores estudos que sobre o romancista já se fizeram, depois de viver intensamente a vida dos salões aristocráticos e a sua decadência, com a ascensão da nova classe, a burguesia francesa do final do século XIX, assume com ele mesmo o propósito de revivê-los numa obra de arte, aquele que seria um dos maiores romances da literatura universal. Então abandona para sempre a vida mundana e só reaparece muitos anos após, com a obra concluída.

Nós outros também, seus leitores devotos, ao ler o último capítulo desse livro admirável, voltamos ao começo para relê-lo, uma, duas, três, dez vezes que seja ou a vida inteira, que esta é bastante curta para lê-lo durante toda a existência, como deveríamos fazer com os autores tocados pela graça da genialidade, seja ele um Marcel Proust, um Eça, um Machado de Assis, um Graciliano Ramos, um Jorge Luis Borges, um Mário Vargas Llosa, uma Virginia Woolf, um José Saramago, um Josué Montello.

Mas falemos de Josué Montello, que é o nosso tema central. Não vou fazer-lhe a análise da obra que é vasta e incomensurável e seria fastidioso para a seleta assistência que me ouve. Quero apenas delimitar-lhe os pontos mais sensíveis de sua romancística ou de sua visão de mundo, como ensaísta, memorialista, biógrafo e estudioso dos problemas brasileiros nas mais diferentes áreas do conhecimento, além de ter sido ele dedicado servidor público, como educador, como diplomata, como administrador, diretor da Biblioteca Nacional, do Museu Histórico Nacional e do Museu da República, por ele organizado no antigo Palácio do Catete, e presidente do Conselho Federal de Cultura, em má hora extinto pela incompreensão de um governo divorciado de nossos problemas culturais, felizmente de curta duração. Instituição aquela, o Conselho Federal de Cultura que, com a sua competência, ajudou ele a criar e a dar-lhe feição definitiva em 1966, como expressão mais alta da cultura brasileira.

Não me lembro de quando data a nossa aproximação que foi para mim bastante enriquecedora. Li-o todo, um pouco sem método, de fio a pavio. Hoje encontro em minhas estantes poucos livros seus. Inclusive os de sua prosa diarística a que sempre recorro e me fazem assim muita falta. Talvez pelo afã de estender sua leitura ao maior número de pessoas eu os tenha emprestado além da conta. E emprestar livros, diz a sabedoria popular, é uma forma de perdê-los.

Comecemos pelo romancista, gênero a que porfiadamente se dedicou. Quando iniciou a publicação de seus romances, a começar por *Janelas Fechadas*, em 1947, já o modernismo, com o chamado romance de 30, havia praticamente delimitado suas fronteiras, na literatura brasileira. Os livros definitivos dessa fase, tais os do ciclo da cana de açúcar, de José Lins do Rego, como *Fogo Morto*, uma obra-prima; os do ciclo do cacau, de Jorge Amado, como *Terras do Sem Fim* e *Gabriel, Cravo e Canela*; os do ciclo da seca como *A Bayaçá-ceira*, de José Américo de Almeida, *Vidas Secas*, outra obra-prima de nossa literatura, de Graciliano Ramos, *Os Corumbás*, de Amando Fontes, *O Quirize*, de Rachel de Queiroz, já haviam sido todos publicados e o romance de 30 havia dado seu recado. Com eles se faria a renovação estética de nossa literatura, ao incorporar novos temas à romancística brasileira.

Josué Montello preferiu dar continuidade a outra temática em nosso romance, a do romance urbano, que vem de Manuel Antônio de Almeida, com *Memórias de um Sargento de Milícias*, um livro que considero fundador de nossa prosa romanesca, uma vez que Teixeira e Sousa, que o precedeu, não tem a força narrativa, a intensidade e a vivência desse grande romancista com os problemas de nossa nacionalidade em formação. Seguem-no, ainda no romantismo, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, cuja temática é mais abrangente, Machado de Assis, o modelo entre todos, Lima Barreto e Marques Rebelo, todos eles romancistas do Rio de Janeiro, e Érico Veríssimo, no Rio Grande do Sul.

Quanto a essa forma de romance já a ele se referia, em seu tempo, o mestre Machado de Assis, ao apontar, com muita propriedade, suas características fundamentais, no ensaio primoroso que nos leva aos primórdios de nossa crítica literária, "Instinto de Nacionalidade". Ali nos diz o autor de *Dom Casmurro*:

"O romance brasileiro recomenda-se especialmente pelos toques do sentimento, quadros da natureza e de costumes e certa viveza de estilo muito adequada ao espírito do nosso povo. Há em verda-

## ESPECIAL | JOSUÉ MONTELLO

Revista PRESENÇA

de ocasiões em que essas qualidades parecem sair da sua medida natural, mas em regra conservam-se estremes de censura, vindo a sair muita coisa interessante, muita realmente bela. O espetáculo da natureza, quando o assunto o pede, ocupa notável lugar no romance, e dá páginas animadas e pitorescas, e não as cito por me não divertir do objeto exclusivo deste escrito, que é indicar as exceções e os defeitos do conjunto, sem me demorar nos pormenores." E continua:

"Pelo que respeita à análise das paixões e caracteres são muito menos comuns os exemplos que podem satisfazer à crítica; alguns há, porém, de merecimento incontestável. Esta é, na verdade, uma das partes mais difíceis do romance, e ao

mesmo tempo das mais superiores. Naturalmente exige da parte do escritor dotes não vulgares de observação que, ainda em literaturas mais adiantadas, não andam a rodo nem são a partilha do maior número." (M. de Assis, *Obra Completa*, III vol. Aguilar Editora, p. 805)

O autor de *Quincas Borba* aflora aí um aspecto fundamental de nossa romancística, qual seja, o do romance espetáculo, inclusive pelo seu paisagismo, como o caracteriza o romancista português Vergílio Ferreira, fundado entre nós por Alencar, e o romance psicológico, aquele que propõe um problema, como é o caso de Machado de Assis, a partir das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que inicia a fase renovadora de sua obra.

As duas tendências podem juntar-se em vários romancistas, como no próprio Machado, em Lima Barreto, em Graciliano Ramos, em Josué Montello, para citar apenas os que no momento me vêm à lembrança.

No caso particular do romancista de que estamos tentando aqui esboçar o perfil, aquelas duas tendências – a do romance social e a do romance problema, poderemos surpreender, não somente em seus livros de reconstituição histórica a exemplo do já citado *Os Tambores de São Luís*, como também em *Os Degraus do Paraíso*, *A Décima Noite* e *Viagem sem Regresso*. Aliás, segundo o crítico Wilson Martins, todo romance histórico é também um romance psicológico. De fato, lembramo-nos aqui também do caso de *Eurico, o Presbítero*, de Alexandre Herculano, o criador desse gênero na literatura portuguesa. Neste romance, ao lado do drama social da invasão dos mouros, na península ibérica, que a ocuparam por oito séculos, há a tragédia pessoal de Eurico, que se tornaria presbítero de Cartéia, e sua paixão por Hermengarda, a qual não se consuma em virtude da fidelidade daquela aos seus votos sacerdotais que o catolicismo antitridentino do autor não aceitava. Naquele e nesses últimos são abordados os problemas da conversão religiosa do catolicismo ao protestantismo, que foi o caso do pai do romancista. Este aspecto é tratado em seu romance com a densidade que me lembram alguns romances ou récits de André Gide, como ele os denominava, e ainda o da exigência da virgindade antes do casamento, como preceituava um dos artigos do nosso antigo Código Civil, tornado peremptório com a revolução sexual das últimas décadas do século passado, que constitui o tema central de *A Décima Noite*, e o homossexualismo feminino, um tema até então pouco explorado no romance brasileiro, em *A Viagem sem Regresso*.

Seguindo essa tendência, a do romance ur-



## ESPECIAL | JOSUÉ MONTELLO

Revista PRESENÇA



Yvonne e Josué Montello

bano, Josué Montello se converte num dos maiores romancistas brasilienses, não só em termos de efábulaçāo da narrativa, como ainda na de construtor de um romance urbano novo, embora conservando aquelas características essenciais da nossa romancística citadina, na linha do genial Machado de Assis, que reconstitui entre nós a sociedade do 2º Império, como já o definiu muito bem o crítico Astrojildo Pereira, em um dos primeiros estudos enfocando esse tema. É tão importante esse estudo de Astrojildo – “Machado de Assis, Romancista do 2º Império”, que a partir dai ningum mais estudaria o autor de *Memórias Póstumas*, como um escritor divorciado dos problemas da sociedade do seu tempo de que tanto o acusavam.

Quanto à técnica romanesca por ele adotada, vejamos sua própria opinião expressa no *Diário da Tarde*, em nota de 1º de outubro (1957), ao instalar-se em Madri, em função diplomática, ainda no início de sua carreira literária:

“A Décima Noite, começado em Lisboa, será continuado aqui. Tenho comigo o tema, as figuras,

o cenário, mas não sei ainda se irei encontrar a difícil conciliação da tradição narrativa com as técnicas modernas, que pretendo seja o meu caminho. Ora vou para um lado, ora vou para o outro, no porfiado esforço para realizar-me como romancista. Porque sinto em mim, imperativa, teimosa, a vocação para o romance.” (Ob. cit. p. 35)

Josué Montello, como já o disse noutro lugar, inicia assim por esse caminho a sua trajetória de romancista, dos maiores de nosso país e de nosso tempo, ao reconstituir, como diria Alexandre Herculano, o “viver e o crer das extintas gerações” de uma cidade das mais representativas do país que ai se constitui como que num microcosmo da sociedade brasiliense, São Luís do Maranhão. E assim nos lega uma obra monumental, em que não são poucos os momentos de grandeza, através de obras que hoje integram o patrimônio daquela cidade, com a sua paisagem histórica, patrimônio que são da cultura brasileira. Dentre elas merece especial destaque *Os Tambores de São Luís*, a sua obra-prima, por nela haver fixado a história da escravidão negra no Brasil, na segunda metade do século XIX, em um de seus locais de maior presença. Através do velho Damião, fixa ele o perfil de três gerações de afro-descendentes. Iniciando-se a trama quando vai o protagonista assistir ao nascimento do neto, reconstitui o autor, no espaço de um dia, à maneira do *Ulisses*, de Joyce, a vida e os costumes de uma comunidade das mais ricas em valores humanos, fértil em acontecimentos e episódios que fundamentalmente a marcam no decurso do tempo. Com este romance, dos maiores que produziu a nossa história literária, incorpora ele à literatura brasileira o problema da escravidão negra no país, com as protelações sucessivas de uma sociedade injusta como aquela dos senhores de baraço e cutelo que eram os senhores de escravos e seus agentes na vida nacional e no Parlamento do Império. As procrastinações sucessivas de suas leis inúteis, como a das sexagenários e a do ventre livre que apenas adiavam o problema, mereceriam do Pe. Antônio Vieira aquela denúncia terrível contida no famoso Sermão da Primeira Dominga da Quaresma, por ele transcrita na abertura do romance: “Ah fazendas do Maranhão, que se esses mantos e essas capas se torceram, haviam de lançar sangue!”; *A Noite sobre Alcântara*, outra obra-prima sua, com que reconstitui a cidade histórica do outro lado da baía de São Marcos; *Os Degraus do Paraíso*, *O Largo do Desterro*, *Cais da Sagrada* e outros tantos constituem também as mais perfeitas realizações literárias no domínio da arte romanesca daquele que, pelo estilo literário, certamente se alteia até Machado de Assis, de

quem é um devotado estudioso, e aos cânones da língua portuguesa. Não é apenas meu este juízo. Manuel Bandeira já disse ser esta a primeira qualidade de Josué Montello, revelada desde as primeiras linhas. Uma escrita que como a de Machado de Assis, parece passada a limpo. Como diria ainda Alceu Amoroso Lima, com os seus romances, "a exemplo de José de Alencar, vai abarcando, aos poucos toda a sociedade brasileira."

Em sua prosa diarística, em que também se revela um mestre inexcedível, na mesma linha dos autores desse gênero de prosa, como Frederico Amiel, em seu *Diário Intimo*, traçou o mais completo painel da vida literária e social brasileira de que se tem notícia entre nós, constituída dos volumes *Diário da Manhã*, *Diário da Tarde*, *Diário do Entardecer*, *Diário da Noite Iluminada*, mais de três mil páginas dedicadas à nossa vida literária.

A esse painel não poderia faltar também o ensaísta e o biógrafo, com os livros *Memórias Póstumas de Machado de Assis*, *Aluísio Azevedo e a Polémica d'O Mulato*, *O Presidente Machado de Assis*, entre outros, além de inúmeros ensaios e estudos como *O Caminho da Fonte*, *Uma Palavra Depois da Outra*, com que enriqueceu no gênero a bibliografia brasileira. Além desses convém ainda assinalar a presença do contador de histórias e fatos anedóticos da vida literária, como os que integram o *Anedotário Geral da Academia Brasileira*, em que se revela o fino ironista que mereceria estudo à parte.

Na obra de Josué Montello parece-nos explicitar-se admiravelmente aquele conceito de José Saramago expresso em sua prosa diarística, de homenização do romance que ele gostaria que fosse não um gênero literário "mas um lugar capaz de acolher, são palavras suas, toda a experiência humana, um oceano que receberia, e onde de algum modo se unificariam as águas afluentes da poesia, do drama, da filosofia, das artes, das ciências." (*Cadernos de Lanzarote II*, p. 212, Companhia das Letras).

É um conceito este, o do romance como a moderna epopéia, que venho difundindo, em meus escritos, e adquirido desde o tempo remoto de professor de literatura no Liceu e na Faculdade de Filosofia e que recolhi em Franz Werfel, em seu belo livro em louvor do milagre de Lourdes, *A Canção de Bernadete*, publicado nos Estados Unidos, ao tempo da Segunda Guerra Mundial, quando seu autor fugia da perseguição nazista aos judeus e que li por indicação do saudoso Monsenhor José Luís Barbosa Cortez, meu professor de latim no velho Liceu e pessoa da minha particular estima.

Vou concluir, meus senhores e minhas senhoras, para não cansá-los tanto. Não esgotamos o assunto, é claro, apenas o abordamos profunamente, esperando que outros o completem com mais autoridade e maior competência.

E concluo, com um episódio referido em seu *Diário da Tarde*, em nota de 9 de outubro (1957) ao retornar sua atividade docente no Instituto de Cultura Hispânica, em Madri, para onde fora transferido a seu pedido depois de um desentendimento com o então titular da Embaixada do Brasil em Lisboa, escritor Álvaro Lins, onde se encontrava o autor na condição de adido cultural.

Demos-lhe aqui a palavra para narrar aquele episódio:

"Como já fazia algum tempo que eu não dava aula, pude viver, de mim para mim, a emoção de Dom Miguel de Unamuno, na residência de estudantes, na Universidade de Paris, ao tempo de seu exílio.

Convidado por George Duhamel, Unamuno foi fazer uma palestra para jovens estudantes. Ao defrontar-se com os moços, na sala de aula, sentiu a palavra retida na garganta, enquanto seus olhos se umedeciam; logo se curvou sobre as mãos espalmadas. Com um gesto Duhamel pediu silêncio à classe. E Unamuno, daí a momentos, descobrindo o rosto molhado:

- Vocês me perdoem a emoção do velho professor. Já fazia algum tempo que este mestre exilado não tinha a oportunidade de dar uma lição. Obrigado por este silêncio.

As palmas ressoaram, e Unamuno, reapsando-se de si mesmo, começou a sua aula."

E conclui aquela nota o autor de *O Labirinto de Espelhos*:

"No anfiteatro do Instituto de Cultura Hispânica, diante de alunos, de convidados, de companheiros da Embaixada, senti também a garganta contrair-se. Esperei um momento. Arrumei no descanso do púlpito minhas notas. E abri minha lição contando aos meus amigos, aos meus companheiros, o que se havia passado com Unamuno, fora da Espanha, e que eu também estava vivendo, naquela sala, longe de meus alunos brasileiros.

Está claro que não dei, nem poderia ter dado, a aula que Unamuno deu em Paris. Mas tive minhas palmas, assim que recordei a emoção do mestre espanhol." (Ob. cit. p. 43)

Obrigado a todos pela paciência.

\*Palestra proferida na Academia Piauiense de Letras, na sessão dedicada a Josué Montello, em 6 de maio de 2006.

## Josué Montello Histórico

Josué de Sousa Montello nasceu em São Luís do Maranhão em 21 de agosto de 1917. Faleceu no Rio de Janeiro em 16 de março de 2006.

Fez os cursos primário e secundário na cidade natal, como aluno brilhante e redator de jornais literários nos colégios por onde passou. Seus primeiros ensaios literários datam de 1932, fazendo parte do Cenáculo Graca Aranha de jovens escritores. Depois de residir em Belém do Pará mudou-se para o Rio de Janeiro em 1936, onde passou a integrar o grupo *Dom Casmurro* e trabalhou como redator em vários periódicos.

Inspecor Federal de Ensino e Técnico em Educação. Professor. Diretor da Biblioteca Nacional e do Serviço Nacional de Teatro. Trabalhos desenvolvidos e docência nas Universidades de Lima, no Peru, Madrid e Lisboa. Foi adulto cultural em Paris. Recitor da Universidade Federal do Maranhão e ex-presidente do Conselho Federal de Cultura.

Josué Montello foi professor, jornalista, crítico literário, biógrafo, memorialista, historiador, teatrólogo e romancista.

Em 1947 estreou com o romance *Janelas Fechadas* - filiando-se ao Círculo Maranhense. Sua produção novelesca teve como cenário a ilha de São Luís. O autor alcança a melhor produção literária, especialmente com *Os Degraus do Paraíso*, *A Noite sobre Alcântara* (1978); *A Coroa de Areia* (1979); *O Silêncio da Confissão* (1980); *Largo do Desterro* (1981); *Alegria* (1982); *Pedra Viva* (1983); *Uma Varanda sobre o Silêncio* (1984); *Perfume da Meia-Noite* (1985); *A Vida Eterna do Major Taborda* (1985); *Antes que os Pássaros Acordem* (1987); *A Morgadiúba dos Carnavais*; *Crônica da Aldeia* (1988); *A Última*.

Josué Montello é um continente que abrange vários gêneros literários.

### OBRAS:

**ROMANCE:** *Janelas Fechadas* (1941); *A Luz da Estrela Morta* (1948); *Os Degraus do Paraíso* (1965); *O Labirinto de Espelhos* (1952); *A Décima Noite* (1959); *Cais da Sagrada* (1971); *Os Tambores de São Luís* (1975); *A Noite sobre Alcântara* (1978); *A Coroa de Areia* (1979); *O Silêncio da Confissão* (1980); *Largo do Desterro* (1981); *Alegria* (1982); *Pedra Viva* (1983); *Uma Varanda sobre o Silêncio* (1984); *Perfume da Meia-Noite* (1985); *A Vida Eterna do Major Taborda* (1985); *Antes que os Pássaros Acordem* (1987); *A Morgadiúba dos Carnavais*; *Crônica da Aldeia* (1988); *A Última*.

*ma Comida (1989); Um Beiral para os Bentevis (1989); O Camarote Vazio (1990); O Baile da Despedida (1992); A Viagem Sem Regresso (1993); Uma Sombra na Parede (1995); Enquanto o Tempo Não Passa (1996); Os Inimigos de Machados de Assis (1998); O Juscelino Kubitschek de Minhas Recordações (1999).*

**ENSAYO:** *Gonçalves Dias* (1942); *Histórias da Vida Literária* (1944); *O Hamlet de Antônio Nobre* (1949); *Cervantes e o Moinho do Vento* (1950); *Fontes Tradicionais de Antônio Nobre* (1953); *Ricardo Palma, Clássico da América* (1954); *Artur Azevedo e a Arte do Conto* (1956); *Estampas Literárias* (1956); *Caminho da Fonte* (1959); *A Oratória Atual do Brasil* (1959); *Ford* (1960); *O Presidente Machado de Assis* (1961); *O Conto Brasileiro; de Machado de Assis a Monteiro Lobato* (1967); *Santos da Casa* (1968); *Uma Palavra Depois de Outra* (1969); *Un Maître Oublié de Stendhal* (publicado em Paris, 1970); *Estante Gira-tória* (1971); *Rú, o Parlamentar* (com outros, 1977); *Literatura para Professores do 1º grau* (1980); *Os Caminhos* (1984); *Lanterna Vermelha* (1985); *Alcântara* (1989); *Janela de Mirante* (1993); *O Modernismo na Academia* (1994); *O Tempo Devolvido* (1996); *Fachada de Azulejos* (1996); *Condição Literária* (1996); *Memórias Póstumas de Machado de Assis* (1997).

**HISTÓRIA LITERÁRIA:** *Pequeno Anedotário da Academia Brasileira* (1963); *Na Casa dos 40* (1967); *Anedotário Geral da Academia Brasileira* (1973); *Aluísio Azevedo e a Polêmica do "Mulato"* (1975); *A Polêmica de Tobias Barreto com os Pais do Moranhão* (1978).

**ANTOLOGIA:** *Aluísio Azevedo* (1963); *Machado de Assis* (1972); *Gonçalves Dias* (1973); *José de Alencar* (1973).

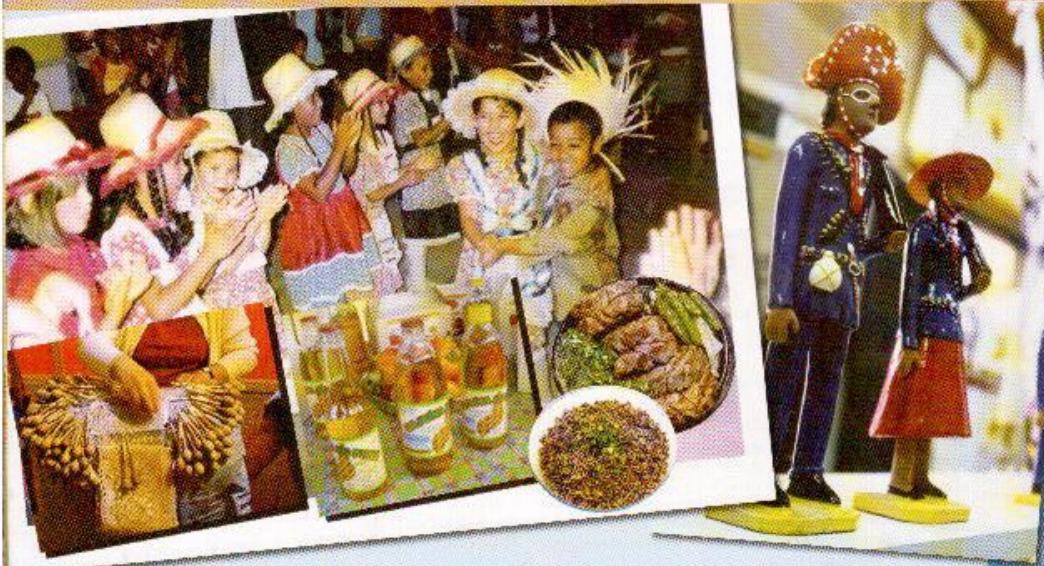
**CRÔNICA:** *Os Bonecos Indultados* (1973).

**NOVELA:** *O Fio da Meada* (1955); *Dois Vezes Perdida* (1966); *Numa Véspera de Natal* (1967); *Uma Tarde, Outra Tarde* (1968); *A Indesejada Aposentadoria* (1972); *Glorinha* (1977); *Um Rosto de Menina* (1978).

**TEATRO:** *Precisa-se de Um Anjo* (1943); *Escola da Saudade* (1946); *O Verdugo* (1954); *O Anel que tu me Deste* (1959); *Através do Olho Mágico* (1959); *A Miragem* (1959); *Alegoria das Três Capitãs* (de colaboração com Chianca de Garcia, 1960); *A Baronesa* (1960); *Um Apartamento no Céu* (1995).

**LIVRO FALADO:** *Cais da Sagrada* (romance gravado em cassete, 1976).

**DIÁRIOS:** *Diário da Manhã* (1984); *Diário da Tarde* (1988); *Diário do Entardecer* (1991); *Diário da Noite Iluminada* (1994); além de obras de história, educação, biblioteconomia, literatura infantil, mais de 30 obras profaciadas, participação em Antologias, discursos de recepção na ABL e outros, e traduções.



## Pesquisa Vai Mapear Patrimônio Imaterial Piauiense

Simone Rodrigues\*

Para preencher uma lacuna existente no cenário cultural do Estado, a Fundação Cultural do Piauí (FUNDAC) iniciou o projeto Pesquisa Documental do Patrimônio Imaterial Piauiense. Será um verdadeiro mapeamento das manifestações culturais do Estado, para que esses bens imateriais fiquem registrados adequadamente para essa e futuras gerações. O trabalho deve ser concluído até o próximo mês de outubro.

A pesquisa foi contemplada com o edital para projetos de Mapeamento da documentação do patrimônio imaterial, lançado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. É parte da tentativa do órgão de compor uma base nacional de dados das referências culturais relativas ao patrimônio imaterial, visando fornecer um banco de informações que possibilite o conhecimento do vasto universo cultural do Brasil, com a finalidade de subsidiar a identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial do patrimônio cultural.

O trabalho consiste em identificar, sistematizar e consolidar em um banco de dados os documentos de diferentes acervos que tratem sobre os saberes, fazeres e ofícios tradicionais, formas de expressão, festas e celebrações e os lugares ou espaços de práticas culturais coletivas no Estado do Piauí.

Esse levantamento visa oferecer informações preliminares acerca de bens passíveis de serem inventariados e fornecer elementos que possibilitem a compreensão do contexto histórico e social onde ocorrem.

A pesquisa **bibliográfica** para a produção da documentação do patrimônio imaterial será feita através de livros, folhetos, anais, jornais e revistas. Haverá também todo um estudo em **documentos textuais não publicados**, como relatórios técnicos, dissertações ou teses e documentos de arquivo.

Faz parte da pesquisa também um estudo sobre **documentação iconográfica**, através de fotografias, gravuras e desenhos, além de **registros audiovisuais**, onde serão analisados discos, cds, filmes e cd-roms que compõem o acervo das instituições delimitadas para o procedimento da pesquisa.

Serão considerados dados relevantes desde simples citações, descrições e interpretações dos elementos culturais vistos como folclore até patrimônio imaterial ou expressões culturais tradicionais. Deverão ainda ser incluídos nos fichamentos os vínculos dessas expressões com os elementos culturais, os seus portadores, os grupos sociais onde viveram e os contextos que lhe dão sentido.

# FUNDAC |



## Mas o que é Patrimônio Imaterial?

A UNESCO define como Patrimônio Cultural Imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas e também os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados e as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Já a salvaguarda de um bem cultural de natureza imaterial consiste em apoiar sua continuidade de modo sustentável, ou seja, atuar no sentido da melhoria das condições sociais e materiais de transmissão e reprodução que possibilitam sua existência.

O conhecimento gerado durante os processos de inventário e registro é o que permite identificar de modo bastante preciso as formas mais adequadas de salvaguarda. Essas formas podem ir desde a ajuda financeira a detentores de saberes específicos com vistas à sua transmissão, até, por exemplo, a organização comunitária ou a facilitação de acesso a matérias primas.

### CATEGORIAS DA PESQUISA:

1. Celebrações. Nesta categoria incluem-se

os principais ritos e festividades associados à religião, à cidadela, aos ciclos do calendário, etc. São ocasiões diferenciadas de sociabilidade, envolvendo práticas complexas com suas regras específicas de distribuição de papéis, a preparação e o consumo de comidas, bebidas, a produção de um vestuário específico, a ornamentação de lugares, o uso de objetos espaciais, a execução de música, orações, danças, etc. São atividades que participam fortemente da produção de sentidos específicos de lugar e território. São exemplos festas como as de São Sebastião, do Divino Espírito Santo, de Iemanjá, de São João e o carnaval, que se realizam com variações em inúmeras regiões do Brasil; ou outras mais localizadas como o Círio de Nazaré em Belém (PA), a lavagem do Bonfim e a Romaria de Bom Jesus da Lapa na Bahia ou, no Estado de Goiás, a Cavalhada (Pirenópolis) e a Procissão do Fogaréu (Oeiras).





2. Formas de expressão. Formas não-lingüísticas de comunicação associadas a determinado grupo social ou região, desenvolvidas por atores sociais (individuais ou grupos) reconhecidos pela comunidade e em relação às quais o costume define normas, expectativas, padrões de qualidade, etc. Incluem-se nessa categoria o cordel, a cantoria e a xilogravura no Nordeste, diversas variantes do Boi (o boi bumbá, o boi duro, o bumba meu boi, etc) em várias regiões do Brasil, a moda de viola e a catira no centro-sul, a ciranda no litoral de Pernambuco, a cerâmica figurativa no vale do Jequitinhonha, etc. Neste caso, serão inventariadas não as linguagens em abstrato, mas o modo como elas são postas em prática por determinados executantes.

3. Ofícios e modos de fazer, ou seja, as atividades desenvolvidas por atores sociais (especialistas) reconhecidos como conhecedores de técnicas e de matérias-primas que identifiquem um grupo social ou uma localidade. Este item refere-se à produção de objetos e à prestação de serviços que tenham sentidos práticos ou rituais, indistintamente. Entre este encontram-se a carpintaria no sul da Bahia, a confecção de panelas de barro no Espírito Santo, a manipulação de plantas medicinais na Amazônia, a culinária em Goiás Velho, o

benzimento nas várias regiões do país, as variantes regionais de técnicas construtivas, do processamento da mandioca ou da destilação da cana, entre muitos outros. Tal como no caso anterior, os modos de fazer não serão inventariados em abstrato, mas através da prática de determinados executantes.

4. Edificações. Em diversos casos, estruturas de pedra e cal estão associadas a determinados usos, a significações históricas e de memória ou às imagens que se tem de certos lugares. Essas representações as tornam bens de interesse diferenciado para determinado grupo social, muitas vezes independentemente de sua qualidade arquitetônica ou artística. Nesses casos, além dos aspectos físicos-arquitetônicos, são relevantes do ponto de vista do patrimônio as representações a eles associadas, as narrativas que se conservam a seu respeito, eventualmente os bens móveis que elas abrigam, determinados usos que neles se desenvolvem. Esta categoria integra tanto edifícios emblemáticos do porte das igrejas de Nossa Senhora Aparecida (SP) e de Nosso Senhor do Bonfim ou do Terreiro da Casa Branca de Salvador (BA), como outros de significação mais localizada como são a casa de Cora Coralina em Goiás (GO), as sedes de Lira Popular de Belmonte (BA) ou da Banda Carlos Gomes em Campinas (SP).

5. Lugares. Toda atividade humana produz sentidos de lugar. Neste inventário serão incluídos especificamente aqueles que possuem sentido cultural diferenciado para a população local. São espaços apropriados por práticas e atividades de naturezas variadas (exemplo: trabalho, comércio, lazer, religião, política, etc.), tanto cotidianas quanto excepcionais, tanto vernáculas quanto oficiais. Essa densidade diferenciada quanto a atividades e sentidos abrigados por esses lugares constitui a sua centralidade ou excepcionalidade para cultura local, atributos que são reconhecidos e tematizados em representações simbólicas e narrativas. Do ponto de vista físico, arquitetônico e urbanístico, esse lugares podem ser identificados e delimitados pelos marcos e trajetos desenvolvidos pela população nas atividades que lhes são próprias. Eles podem ser conceituados como lugares locais da vida social de uma localidade.

Há inúmeros exemplos de lugares pertinentes a esse inventário. Entre eles podem ser citados a Feira de Caruaru (PE) ou de São Cristóvão no Rio de Janeiro, o mercado Vér-o-peso em Belém (PA), o Quadrado de Trancoso no sul da Bahia, a Praça da Sé em São Paulo, a Lagoa do Ahatéu em Salvador (BA), a sede de um time de futebol, a quadra de uma escola de samba, uma área urbana como o Pelourinho em Salvador ou o Bairro do Recife (PE).

\*Simone Rodrigues é jornalista e assessora de imprensa da FUNDAC.



**POESIAS**

*Poetas  
Trágicos*

Revista PRESENCA

## POEMA DO AVISO FINAL

É preciso que haja alguma coisa  
alimentando meu povo:  
uma vontade  
uma certeza  
uma qualquer esperança

É preciso que alguma coisa atraia  
a vida ou a morte:  
ou tudo será posto de lado  
e na procura da vida  
a morte virá na frente  
e abrirá caminho

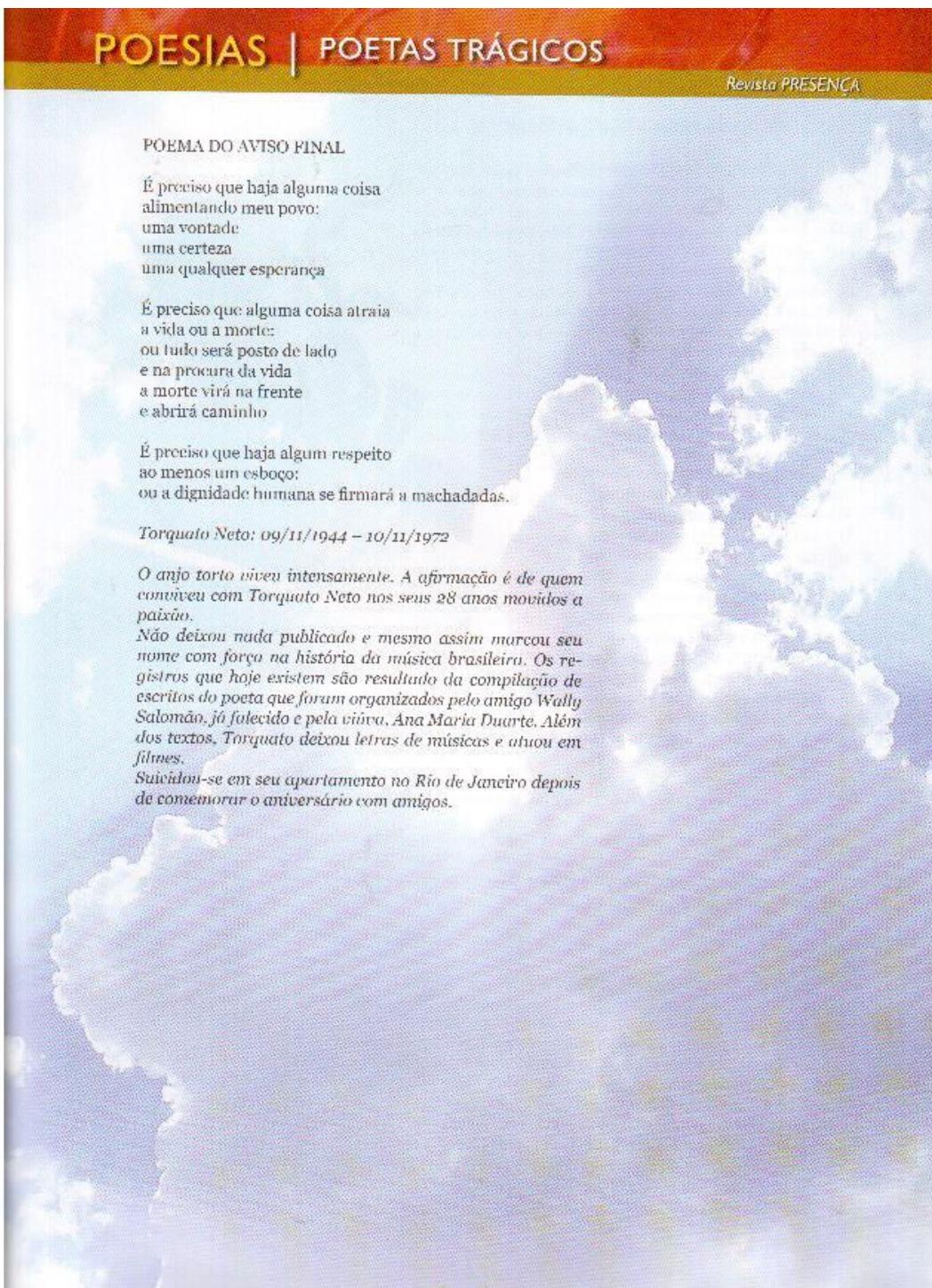
É preciso que haja algum respeito  
ao menos um esboço:  
ou a dignidade humana se firmará a machadadas.

Torquato Neto: 09/11/1944 – 10/11/1972

*O anjo torto viveu intensamente. A afirmação é de quem conviveu com Torquato Neto nos seus 28 anos movidos a paixão.*

*Não deixou nada publicado e mesmo assim marcou seu nome com força na história da música brasileira. Os registros que hoje existem são resultado da compilação de escritos do poeta que foram organizados pelo amigo Wally Salomão, já falecido e pela viúva, Ana Maria Duarte. Além dos textos, Torquato deixou letras de músicas e atuou em filmes.*

*Suicidou-se em seu apartamento no Rio de Janeiro depois de comemorar o aniversário com amigos.*



## POESIAS | POETAS TRÁGICOS

Revista PRESENÇA

### SINTO QUE O MÊS PRESENTE ME ASSASSINA (\*\*)

Sinto que o mês presente me assassina,  
As aves atuais nasceram mudas  
E o tempo na verdade tem domínio  
Sobre homens nus ao sul das luas curvas.  
Sinto que o mês presente me assassina,  
Corro desrido atrás de um cristo preso,  
Cavalheiro gentil que me abomina  
E atrai-me ao despudor da luz esquerda  
Ao beco de agonia onde me espreita  
A morte espacial que me ilumina.  
Sinto que o mês presente me assassina  
E o temporal ladrão rouba-me as fêmeas  
De apóstolos majuros que me arrastam  
Ao longo da corrente onde blasfemas  
Gaiotas provam peixes de milagre.  
Sinto que o mês presente me assassina,  
Há luto nas rosáceas desta aurora,  
Há sinos de ironia em cada hora  
(Na libra escorpiões pesam-me a sina)  
Há panos de imprimir a dura face  
À força de suor, de sangue e chaga.  
Sinto que o mês presente me assassina,  
Os derradeiros astros nascem tortos  
E o tempo na verdade tem domínio  
Sobre o morto que enterra os próprios mortos.  
O tempo na verdade tem domínio  
Amen, amen vos digo, tem domínio  
E ri do que desfere verbos, dardos  
De falso eterno que retornam para  
Assassinar-nos num mês assassino.



\*\* Poema *O Homem e sua Hora* (1955), visto como premonitório.

"Cada qual é o seu próprio cadáver (Só Mario Faustino não foi cadáver, nunca... Seu jato bateu numa montanha. Tudo se desintegrou, ferro, sapato, obturações, o anel. O poeta, o crítico, o editorialista Mário Faustino morreu e não foi jamais cadáver.)

Nelson Rodrigues

Mário Faustino: 22/10/1930 - 27/11/1962

A tragédia que matou o poeta, crítico, tradutor e jornalista Mário Faustino interrompeu uma carreira promissora e brilhante. Ainda na casa dos 20 anos o piauiense começou a fazer história na literatura brasileira com *Poesia-Experiência*, página de vanguarda publicada no suplemento literário do Jornal do Brasil.

O poema "Sinto que o Mês Presente me Assassina" é visto como premonitório e revela a fixação que o poeta tinha pelo tema Morte.

Faustino morreu aos 32 anos num desastre de avião no Peru e seu corpo nunca foi encontrado.



## VIDA - NOSSA QUIMERA

ah, vida nossa veste mais confortável  
se dela nos pegamos andrajos é que não sabemos  
andar nus, nós, os homens, padecemos  
de um perfeito pecador: nunca sabemos onde  
pusemos nosso manto intocado, para o voo livre  
de nossa quimera, esquecemos de trazer nossa  
verdade, por isso caímos por aí, dando com  
os peitos em introsspessáveis alambrados,  
a morte-doce alento

doce alento, a morte, e malfadado. Quando  
ela vem é como se nós fôssemos o carrasco,  
o tamborete - que é chutado - e o próprio  
cadafalso. Entretanto, nos sentimos  
o enforcado.

com que direito dizemos da morte que ela  
é um triste acontecimento? Que diria de nós  
a vida, após a termos usado para tantas festas  
e abusado de todos os seus banquetes?  
Não. Façam soar as trombetas da morte e  
anunciem a nossa passagem como se ela  
não fosse mais que uma parada  
na qual tivéssemos um encontro (e quem  
sabe não fosse belo?) marcado

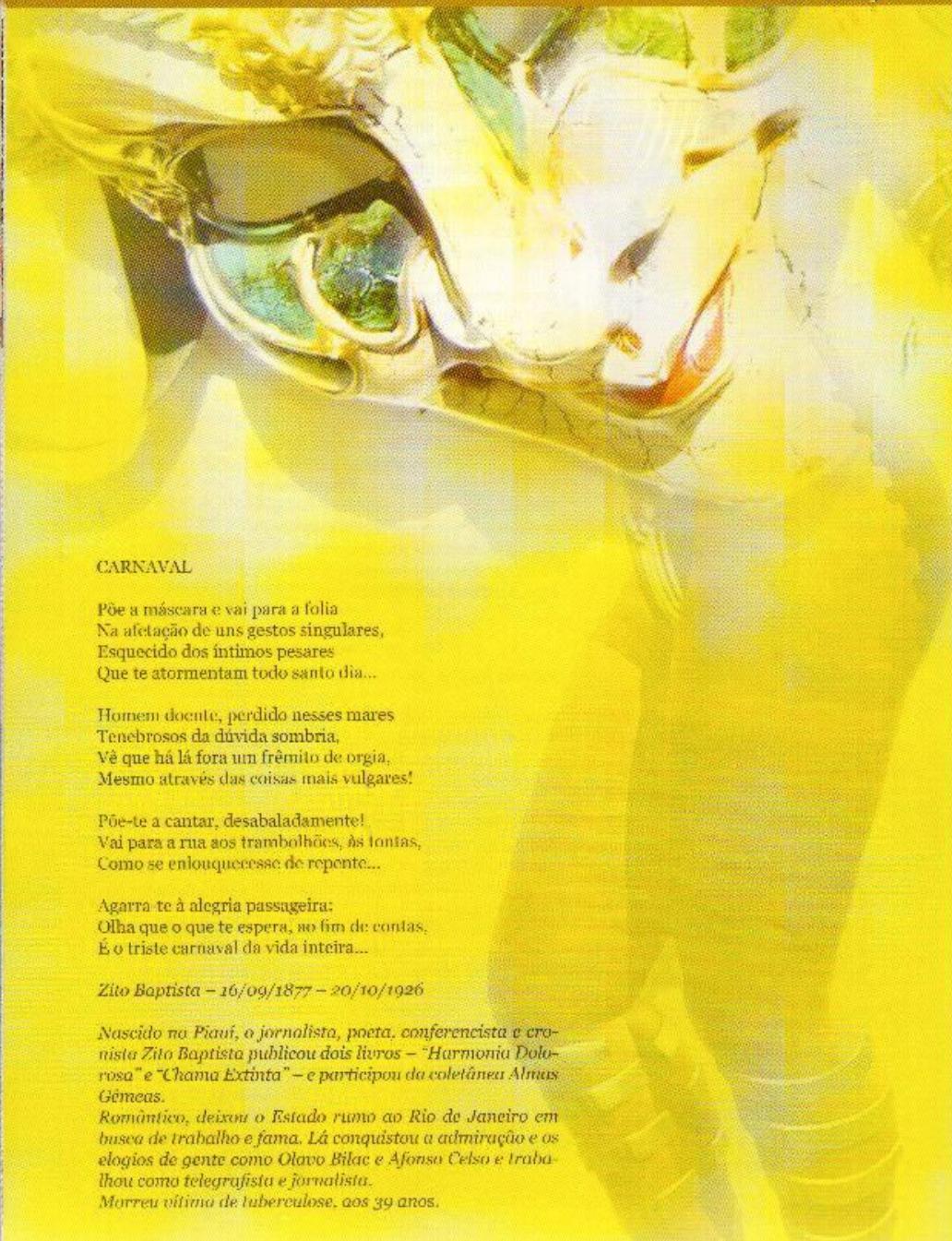
(27-11-1994)

Ramsés Ramos: 28/12/1962 – 20/09/1998

Poeta, músico, teatrólogo, tradutor e jornalista, Ramsés Ramos era o menino prodígio de uma família de artistas. Começou a estudar música aos 8 anos de idade e teve uma vida breve mas extremamente produtiva, especialmente nas áreas de música e poesia.

Deixou prontos um balé e uma série para barítono e piano, inspirados nos movimentos revolucionários e rebeldes da história do Brasil e também estava finalizando uma ópera em dois atos, intitulada "Cabeça de Cúia", baseada em lendas piauienses.

Ramsés morreu em um quarto de hotel em Moscou, na Rússia, onde acompanhava o então presidente do Superior Tribunal de Justiça Pablo Ribeiro em uma viagem oficial. Era o chefe do Cerimonial de Relações Exteriores do STJ.



## CARNAVAL

Põe a máscara e vai para a folia  
Na afeição de uns gestos singulares,  
Esquecido dos íntimos pesares  
Que te atormentam todo santo dia...

Homem docente, perdido nesses mares  
Tenebrosos da dúvida sombria,  
Vê que há lá fora um frémrito de orgia,  
Mesmo através das coisas mais vulgares!

Põe-te a cantar, desabaladamente!  
Vai para a rua aos trambolhões, às tontas,  
Como se enlouquecesse de repente...

Agarra-te à alegria passageira:  
Olha que o que te espera, no fim de contas,  
É o triste carnaval da vida inteira...

*Zito Baptista – 16/09/1877 – 20/10/1926*

*Nascido na Piauí, o jornalista, poeta, conferencista e cronista Zito Baptista publicou dois livros – "Harmonia Dolorosa" e "Chama Extinta" – e participou da caletânea Almas Gêmeas.*

*Romântico, deixou o Estado rumo ao Rio de Janeiro em busca de trabalho e fama. Lá conquistou a admiração e os elogios de gente como Olavo Bilac e Afonso Celso e trabalhou como telegrafista e jornalista.*

*Morreu vítima de tuberculose, aos 39 anos.*

## O NATAL

Senhor ! No teu Natal tanta ventura,  
tantos sorrisos, tantas esperanças,  
e eu cansado e eu sozinho,  
Sentindo tanta mágoa em meu Natal.  
Senhor, no teu Natal tanta alegria,  
e eu sem lô, sem vontade de viver!  
Ah! Meus dez anos de ilusão tão bons,  
o tempo em que beijava a borda dos presepes  
e sorria feliz, contemplando os pastores!  
Senhor! No teu Natal tanta ventura  
E eu pensando em saudade e eu sentindo amargura!

*José Newton de Freitas: 21/11/1920 – 08/02/1940*

*José Newton de Freitas começou a escrever versos muito cedo. Mesmo doente não parou de produzir, mas a implacável tuberculose não permitiu que visse sua obra publicada em livro. Este era seu grande sonho.*

*O poeta morreu aos 19 anos, depois de passar um ano atormentado pela doença. É o poeta mais jovem da literatura brasileira, mais moço que Álvares de Azevedo, que morreu com 21 anos.*

*Dois meses após sua morte, seu pai fez-lhe a homenagem de publicar "Deslumbrado", com poesias modernas e líricas, marcadas pela sinceridade de quem muito sofreu.*



## Atividades Inovadoras da SEDUC

### Educação Valoriza Arte e Cultura nas Escolas

Assessoria de Imprensa SEDUC  
Foto: Arquivo SEDUC

Promover uma aprendizagem significativa para o desenvolvimento do aluno como cidadão crítico e participativo é o objetivo da Secretaria Estadual da Educação e Cultura. Para isso, vem desenvolvendo vários projetos dentro dessa perspectiva através da Supervisão de Arte.

Como exemplo, a gerente de Supervisão de Arte da SEDUC, Eva Lima, lembra do I Festival de Identidade Cultural realizado ano passado. "O I Festival, além de valorizar e divulgar as riquezas culturais do Piauí, proporcionou aos alunos uma gama de conhecimentos e a elevação da sua auto-estima. Ao todo, foram 2 mil jovens do Ensino Médio que participaram da formação de 133 grupos de dança. O evento também possibilitou a interação das comunidades escolares, oportunizando a vivência de novas experiências culturais".

Neste ano, a pretensão da SEDUC é continuar a atividade e desenvolver o II Festival de Identidade Cultural da rede pública, para alunos do Ensino Fundamental e Médio. Ainda como objetivo está a minimização dos problemas sociais vivenciados pela comunidade, com novas perspectivas de desenvolvimento.

Além dele, a supervisora informa que serão implantados pequenos núcleos nas regiões administrativas, para oficinas de teatro, flauta doce,

piano, violão popular, canto coral, instrumentos de sopro e percussão, visando proporcionar ao aluno uma formação básica no desenvolvimento de suas potencialidades nas diversas linguagens artísticas. "Pretendemos ainda revitalizar as bandas de música dos Colégios Zacarias de Góis (Liceu Piauiense), Lourival Parente e Escola Técnica Estadual, a partir das oficinas de sopro e percussão", disse a supervisora.

Neste ano, a SEDUC está reformando a Unidade Escolar João Costa, onde funcionará o Centro de Línguas e a Princípia Escola de Teatro do Piauí. Serão oferecidos, para a toda comunidade, cursos de formação para ator e de extensão, como sonoplastia, dramaturgia, iluminação e cenografia.

Ainda na área de teatro, serão realizadas oficinas no Liceu Piauiense cuja meta será a formação de grupos teatrais, para além de representar a escola, disseminar o trabalho junto à comunidade escolar e local.

A Supervisão de Arte da SEDUC promoveu ainda, no primeiro semestre de 2006, Encontros Pedagógicos em todas as Regiões Administrativas, com a participação dos professores de artes e supervisores. O objetivo foi diagnosticar as dificuldades e planejar estratégias para melhorar a qualidade do Ensino de Arte.

Escolas onde já foram implantados núcleos de Arte:

- Unidade Escolar Lourival Parente: oficinas de flauta doce, piano, violão popular e canto;
- Colégio Estadual Zacarias de Góis - Liceu Piauiense: oficina de pintura, teatro e canto;
- Unidade Escolar Moacir Madeira: oficina de violão e canto;
- Unidade Escolar Pinheiro Machado: oficina de canto;
- Unidade Escolar Solange Viana: oficina de artes plásticas;
- Unidade Escolar Edgar Tito: oficina de teatro, pintura e canto coral;
- Unidade Escolar Helvídio Nunes: oficina de artes plásticas e canto;
- Unidade Escolar Firmina Sobreira: oficina de pintura, teatro e dança;
- Unidade Escolar Agnelo Melo: oficina de flauta;
- Unidade Escolar Pequena Rubin: oficina de canto, piano, violão e flauta.



#### PROJETO XADREZ NAS ESCOLAS

Outra iniciativa da SEDUC realizada em convênio com os Ministérios da Educação e dos Esportes é o Projeto Xadrez nas Escolas. Implementado em 2003, o esporte pedagógico já beneficia 10 mil alunos da rede estadual de ensino.

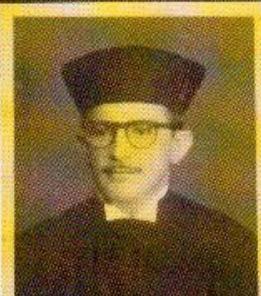
"Oferecemos aos nossos alunos um esporte capaz de associar o prazer ao desenvolvimento de habilidades cognitivas, ao raciocínio lógico e matemático. Enfim, um esporte atuando junto ao processo de ensino aprendizagem. Atualmente, temos aproximadamente 100 escolas em 40 municípios piauienses", comentou o supervisor do Projeto Xadrez nas Escolas, Felinto Ribeiro.

Este ano, o projeto foi expandido para 60 escolas de 30 municípios. No segundo semestre, serão mais 50 escolas beneficiadas. "A SEDUC já está recebendo ofício das unidades escolares que pretendem aderir ao xadrez", informou.

Os alunos praticam a modalidade esportiva em período diferente do das aulas regulares, o que os traz de volta à escola no contraturno e até mesmo durante as férias. "O objetivo é também tirar os alunos de uma situação de risco social para um ambiente saudável e formativo", comenta Ribeiro.

Os professores recebem uma bolsa para trabalhar no contraturno, bem como kits e capacitação. Felinto Ribeiro destacou ainda atividades que entusiasmaram os alunos do projeto. "Em 2004, a SEDUC promoveu uma simultânea de 40 partidas de xadrez para os estudantes com o ex-campeão mundial do esporte, Anatoly Karpov. Este ano veio ao estado o Grande Mestre do Xadrez e idealizador do Programa no Brasil, Jaime Sunye", citou ele, ressaltando que esse tipo de iniciativa serve para estimular os estudantes, fazendo com que eles se interessem pela prática do esporte.



*Uma Vida por Esse  
Chão de Meu Deus*

Formatura na Faculdade de Direito

Em 1961, o livro *Brocotós* entraava nas prateleiras piauienses através do Caderno de Letras Meridiano. Em meio aos seus contos excelentes destaca-se "Memórias de um Canário", sobre o dia-a-dia de uma família do ponto de vista de um pássaro engaiolado. Comentam alguns ecologistas que a história mostra o que muitos gostariam de esquecer, ao validar a condição prisioneira de uma boje proibida atividade de comercializar e eriar animais em cativeiro. Alguns, claro, porque os chamados animais domésticos não necessitam de fiscalização.

O fato é que "Memórias de um Canário", narrado na primeira pessoa, é um dos mais belos contos de Fontes Ibiapina. Apresenta uma realidade de que se evita, um costume que a quase totalidade das casas piauienses outrora cultivou. Pegar pássaros em arapucas, criá-los em gaiolas, persegui-los ou acertá-los com baladeiras faz parte do desejo de muitas crianças, especialmente as interioranas. Quem nunca trocou o alpiste de uma gaiola que atire a primeira pedra! Até enterros cristãos a infância foi capaz de dar aos seus estimados companheiros que envelheciam em gaiolas ou que amanheciam depenados pelas garras daquele gato sorrateiro, sempre a espreitar uma oportunidade.

Eneas Barros\*  
Foto: Arquivo da Família

O conto nos presenteia com uma frase que foi utilizada pela família de Fontes Ibiapina, no santinho de seu falecimento, ocorrido há 20 anos, no dia 10 de abril. Lamenta-se o experiente canário, parte da família e envelhecido com ela: "Pena é a gente não poder escrever memórias até o fim. É sempre uma autobiografia incompleta, cujos últimos capítulos se perdem no silêncio dos mistérios entre a vida e a morte".

Na véspera de seu falecimento, Fontes Ibiapina pôde sentir a profundidade daquela frase. Cultivando uma sede cultural intensa, comprou uma luneta para observar o cometa Halley, que naquela época cruzava os céus dos curiosos. Dirigiu-se às dunas da lagoa do Portinho, em Parnaíba, e aguardou o momento juntamente com alguns amigos. O tempo, nublado, não ajudou muito, mas nada impidiu que as suas intenções buscassem o infinito, exatamente aqueles capítulos que se perdem no silêncio misterioso do que estaria por vir. Voltou tarde para casa, e cedo da manhã um infarto fulminante tirou-nos do prazer de seu convívio. "Acabou-se o homem", como ele disse de Pau de Fumo, personagem de *Palha de Arroz*, mas ficou um legado invejável, composto de 18 livros editados, 18 inéditos e 4 póstumos – um fôlego de fazer inveja aos que vivem da produção literária.

Fontes Ibiapina começou a estudar já rapaz, como se costuma dizer. Formou-se em Direito, dirigiu fóruns, ministrou aulas, fundou academias e escreveu livros. Romances e contos saiam de sua pena no sossego das tardes que invadiam a noite, policiados por sua "nunca deslembra" Clá-



Imortal da Academia Parnaibana de Letras

rice. Exatamente isso: a esposa fiel protegia a criação literária do marido, ao barrar o que quer que perturbasse o seu momento de inspiração. Aliás, a Fontes Ibiapina não falava inspiração. Trazia ele da infância lembranças de sua vida de moleque nos arredores de Picos. O sofrimento da sertanejo, as suas virtudes e uma coragem de quem é "antes de tudo um forte" forneceram o alicerce do trabalho literário de Fontes Ibiapina. Dizia ele que nada era inventado, tudo havia sido vivido com intensidade, "tudo mnemonizado", como ele próprio escreveu. E nós acreditamos. Quem haverá de duvidar de uma imaginação tão fértil, uma lembrança tão forte, uma história tão real distribuída em páginas e páginas de puro deleite?

Era um escritor fenomenal, disso não temos dúvida. Com o romance *Vida Gêmida em Sambabuia* ganhou o I Prêmio do VII Concurso Nacional do Clube do Livro, editado em São Paulo, em 1985 – um reconhecimento pelo regionalismo que impera em seus escritos e que se firmou como uma de suas mais fortes tendências-literárias. Seguiu misturar-se a excelentes escritores com sua linguagem coloquial. Na folha de rosto de seu livro *Tucatá Grande – A Face Obscura*, Jorge Amado faz um oferecimento a Fontes Ibiapina bastante peculiar, que demonstra o quanto ele era respeitado. "Querido amigo, mestre romancista", inicia o baiano. "Estou saindo em viagem para a Europa e levo contigo para ler com o interesse que tenho por seus romances os exemplares de *Eleições de Sempre*, que teve a gentileza de me enviar". E finaliza: "Sou seu leitor, admirador e amigo, Jorge Amado". Palavras simples, não fora a importância de elevar o peso da bagagem internacional com um livro de um piauiense da gema. Uma simples dedicatória, mas que espelha a amizade que nutriam através do que tinham em comum: uma linguagem que nos facilita o entendimento do cidadão e do seu jeito fiel de se expressar com espontaneidade.

Como todo grande escritor, Fontes Ibiapina também era um pesquisador incansável. Deixou ensaios (*A Filosofia do Direito*, *Augusto dos Anjos e Brasileirismos no Piauí*), falecere (*Terreiro de Fazenda*, *Gente da Gente*, *Desfile de Malucos*, *Ponta de Terreiro*, *Almas Penadas* e *Dicionário Folclórico em Inglês*), contos (*Onde a Velha Mediu de Córoras*, *Mentiras de Verdade*, *Onde o Filho Chora e a Mãe não Ouwe*, *Nas Capembas*

*Rajadas e Mentiras ou Não, O Povo Conta*) e romances (*Pecado é o que Cai do Cacho*). Deixou anotações complementares para o seu trabalho de fôlego *Paremiologia Nordestina*, um apanhado de expressões populares que sonorizavam o seu dia-a-dia. Deixou muito mais. Deixou o exemplo da responsabilidade literária com o Piauí, palco de suas elucubrações. Mostrou ele que vivemos em um estado rico em ambientes e personagens dignos de registro; um estado eternamente a nos oferecer inspiração e a nos cobrar que a sua memória não se perca no silêncio de seus mistérios.

Fontes Ibiapina nasceu na fazenda Lagoa Grande, em Picos, no dia 14 de Junho de 1921. Estudou as primeiras letras na escola do Tio Quincô

uma casa humilde cuja sala principal recebia as crianças das redondezas. Mudou-se para Teresina com 20 anos, fez o exame de admissão no Colégio Diocesano e iniciou o Curso de Direito em 1950. Exerceu o cargo de Juiz de Direito em Piriápiri e Parnaíba, onde dirigiu o Fórum. Foi diretor de uma escola em São Pedro do Piauí nascido como escritor em 1958, com a publicação do livro de contos *Chão de Meu Deus*. Em 13 de Junho de 1953 sofreu um gravíssimo acidente no bairro Po-renquanto, onde morava, que mudou o seu caminhar: uma descarga elétrica atingiu-o através do abajur de mesa que iluminava os seus manuscritos, comprometendo a perna esquerda.

Realmente, pena é a gente não poder escrever memórias até o fim. O que vem depois é talvez o desejo de estar fechando o livro para afirmar: esta foi uma grande leitura, nascida da fascinante experiência de uma vida inteira por esse chão de meu Deus.

^ Líneas Barros é Coordenador do Curso de Turismo da Associação de Ensino Superior do Piauí (AESPI) e neto de Fontes Ibiapina.

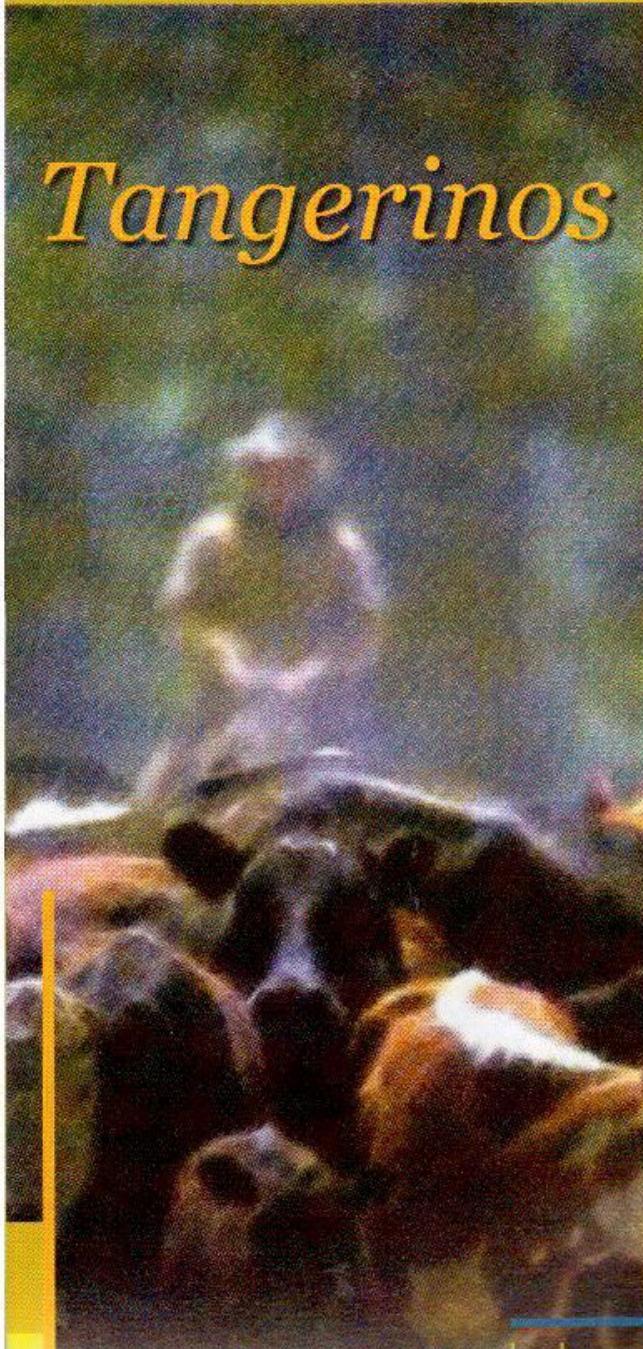


Lançamento póstumo do livro *Dicionário de Brasileirismos do Piauí* na Academia Piauiense de Letras. A filha do escritor Jamira Caddah, autografando o livro para o também escritor Benjamim do Rêgo Monteiro



Na praça Pedro II - década de 50

# Tangerinos



Mal os fins-d'água transfiguravam as portcarias do inverno e o verde da chapada começava a amarelecer, a meninada da minha laia ficava de ouvidos na escuta. E quando o búzio gemia no bojo da mata, a turma azeitava as canelas de alto abixo que ia com tudo! Eu, que sempre fui o mais espoletado do bando, sempre ia mais na frente. Subíamos numa arapiraca que ficava bem na beira da lagoa velha dos meus tempos. Daí a pouco o gado estufava lá na embocadura da caatinga. Uma boiada das grandes. A coisa que eu mais achava interessante em cima do chão. Um bocado de homens tangendo ninguém sabia quantos bois. Os homens traziam aquela coisa como um surrão às costas, denominada de carocha. E eu sabia como eles se chamavam: tangerinos. Sabia até para que era que o tangerino trazia aquele feixe de palhas de palmeira no lombo: para ampará-lo da chuva. Quando um pé-d'água batia, ele abria a carocha por cima da cabeça, e pronto! Podia chover rio-d'água. Era como se estivesse dentro de casa.

O guia vinha na frente soprando num búzio de chifre. Era um gemido bonito, o gemido do búzio. Um gemidão saudoso, chega sacolejava a alma da gente. E o gado acompanhando o guia. Pelos lados vinham tangerinos formando constaneiras. Atrás, outros formavam o que se chama coice. Às vezes, depois de tudo, vinham outros trazendo um magote de gado estropiado - o refugo.

Eu estava por conhecer outra coisa mais bonita no mundo! Cansei de ver boiada que, de tão grande, vinha dividida em cinco, seis ou até mais magotes. E cada um com os seus cem bois na batata e um búzio gemendo na frente. Que coisa bonita!... Ainda bem que o búzio daqui não acabava de gemer, gemia outro acolá, outro mais acolá, mais acolá mais outro. O último gemia tão longe, tão longe, ...que parecia ser no fim do mundo. De tão sério e admirando em cima da arapiraca,

## FONTES IBIAPINA | CONTO

Revista PRESENÇA



nem sequer pestanas eu batia. E o gado passando, de cabeça baixa, naquele passo roncoceiro. Cada boi supimpa, que valia a pena! Cada bicho erado, chega os chifres viravam e reviravam. Gordos não eram não. Mas bem chancudos. Banzeiros do rojão puxado da viagem, mas todos de cabelo fino - a não ser o magote do refugo.

Lá atrás vinha a condução. Uns sujeitos tangendo um bocado de burros com cargas. Aquelas cargas vinham atopetadas de mantimentos. Demantimentos de boeira e de mais outros necessários. Traziam tudo. Eram os arreiros da boiada. E com a condução e seus arreiros vinha também o dono da gadama. Um sujeito importante encarapitado numa burrona de sela. E os arreios da burra do boiadeiro eram enfeitados de fivelas, passadores, estrelas e argolas dobrados. Mas eu não tinha um tico de vontade de ser boiadeiro. O que eu queria ser era tangerino. Como devia ser boa aquela vida! Vinha tangendo o gado, ou na guia. Sentindo o cheiro do gado. Além de tudo, com aquele feixe de palhas nas costas. Como devia ser bom! A chuva caindo, a gente debaixo das palhinhas em forma de esteira. A chuva chovendo e a gente ali sem se molhar, parecendo um passarinho. Parecendo outra coisa que não criatura. Sim... Eu tinha uma vontade danada de ser tangerino. E não era só vontade. Fé também. Tinha fé em Deus que, um dia, um dia feliz, tangerino eu seria.

Bom era quando tocava de sorte o boiadeiro se arranchar lá em casa, para pernoitar. O bichão atava uma redona de varandas no alpendre e se esparramava dentro da bitela. O Papai encostava uma cadeira num forquilha e se sentava. Entravam conversa até alta noite. Quem foi que disse que eu dormia?... Nem um pingo de cochilo! Ficava eu ali mesmo, sentado no chão, escutando tudo. De queixo caido. Atento que não batia pestanas! Como eram bonitas aquelas histórias! Todo o tempo por cima do gado.

Quase todo boiadeiro era de Goiás. Do Goiás moleque, como gostavam de dizer os tangerinos. Quando não era porque era de Pastos Bons. Aquilo era que era terra de fortuna. Seria que no

mundo havia lugar outro mais importante?! Havia nada! E quase toda boiada que passava ia para o Ceará. Ali eu me impressionava. – Por que era que o povo do Ceará comia tanta carne?! Só podia ser muita gente. Seria que houvesse lugar em cima do chão que tivesse mais gente que o Ceará? Havia nada! Seria que o Ceará tivesse mais gente que o resto do mundo inteiro?! Na certa!

O boiadeiro conversando com o Papai. E eu ali prestando bem atenção à conversa. E, vez por outra, tirava disquissão com o máximo de interesse. Metia a minha colher enferrujada no meio da palestra:

- Seu moço, tem muita fazenda em Goiás que amansa cem bezerros?

- Cem bezerros, meu santo, qualquer criador pé-rapado amansa. Lá para nós, fazenda de cem bezerros é uma amansaçãozinha chuvé. Fazenda propriamente dita é de duzentos e bote forga. E não há quem conte os fazendeiros que têm cinco, seis, sete ou mais fazendas.

- Éta terra pra ter cabra rico!

- Você é quem pensa. Em Goiás, gado não significa riqueza. A pobreza de lá é maior que a daqui.

Aquilo me entrava num ouvido e saía no outro. Eu tinha certeza que o povo dum lugar de tanto gado não podia ser pobre. Tinham certeza que tal conversa não passava de potocas de rico unha-de-sume que não queria dizer o quanto possuía. Conversa fiada. O diabo era que acreditava naquilo!

Palestravam até meia-noite. E eu ali atento. Não saia do pé da palestra. Só ia dormir quando o Papai entrava para o seu quarto. Dormir não! Me deitar. Na noite que havia boiadeiro lá em casa, quando eu ia pregar os olhos já a barro-dia estava para quebrar. Passava a noite pensando. Pensava naquelas histórias bonitas que o boiadeiro contava. Todo tempo por cima do gado! E de uma coisa eu estava mais do que certo: quando crescesse, entraria para aquela vida boa. Mas não era boiadeiro que eu queria ser. Tangerino.



## FONTES IBIAPINA | CONTO

Revista PRESENÇA

Eu queria ser tangerino para labutar com o gado mais de perto. Para sentir o cheiro do gado. Para passar o dia tangendo o gado e a noite com o gado no rodeador. Chegava mesmo a me sentir tangerino. A chuva caía. Eu abria aquela moqueca de palhas e ficava ali debaixo, quietinho. Que coisa boa! A chuva caindo e eu debaixo das palhas, sem me molhar. E o gado pastando... Aquilo era que era ser vida! Não havia dúvida. Mesmo que o papai não quisesse, quando eu crescesse seria tangerino. Fazia assim: zarpava de casa às caladas da noite e me tocava no mundo para Goiás. Para o Goiás moleque!... Pronto! Quando menos ninguém esperasse, eu estufava naquela várzea, todo piriquitete, com um feixe de palhas nas costas e gemendo num búzio na frente duma boiada das grandes.

Quando os fins d'água chegavam, o trivial era o mesmo dos outros anos. Boiadas e mais boiadas passando. Mas dentre todos os boiadeiros o mais batala era *Canapu*. Todo santo ano ele passava. E de todas as boiadas grandes, a mais grande era a sua. *Canapu* era rico mesmo de verdade. O sujeito que mais possuía gado no mundo. E o melhor era que o seu rancho lá em casa era mais do que na certa. Podia chegar cedão da tarde, ele tinha de dormir ali. E derribava lei com o Papai até os galos amuarem! Mas eu nem ligava as conversas de *Canapu*. Era que o velho não deixava que ele mandasse seus tangerinos passarem a noite com o gado no rodeador. A boiada de *Canapu* dormia era na manga, no cercado-da-porta. Então os tangerinos vinham para o terreiro. Se sentavam. Faziam aquela roda. E entabulavam a conversa. Eu ia bem para o meio. E ficava assim escutando,

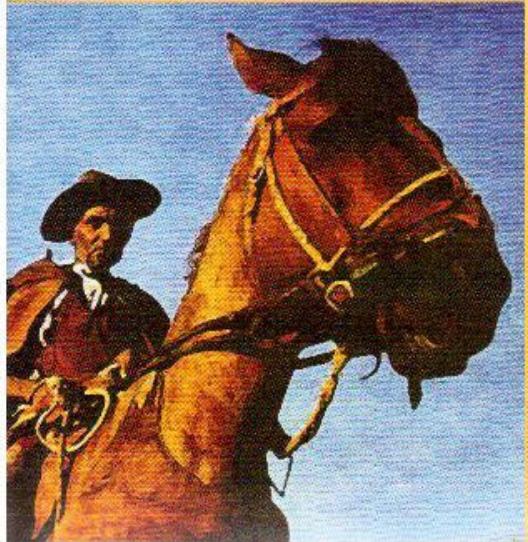
como se aquelas conversas fossem as mais importantes do mundo. E lá isso eram. Ninguém duvide, porque eram importantes mesmo. Aprendi muita coisa com eles. Anedotas, histórias, nomes feios, pulhas, ditados, brincadeiras. Foi com os tangerinos de *Canapu* que aprendi as principais trâmites que o menino talhado deve aprender para delas se utilizar quando virar homem de verdade. Depois, eu também soltava das minhas. Eles riam chega descangotavam! Que eu era um menino encapetado, lá isso era. Duvido que houvesse outro de meu tempo que fosse tão estrubulega. Pulhas, anedotas salgadas, nomes feios, eu sabia às carradas. Não me faltava rompante na cachola para sair com urma das minhas. Eu era um capeta em figura de gente.

Quando os tangerinos de *Canapu* se aboletavam lá em casa, era um prazer para mim. Foram das maiores noites do mundo que conheci no mundo de minha infância.

De todos, o mais gaiato era um tal de Chico Pezinho. Um sujeito patusco, cheio de mil e uma estripulias. Cabra encapetado por arte do diabo! Sabia histórias de sete cabeças, do arco-da-veilha. Contava cada uma que a gente ficava de queixo caído.

Pois bem. Chico Pezinho era guia. E sabia tocar búzio com perfeição. Eu mesmo estava por ver cabra em cima do chão soprar melhor um chifre. E o bom era que ele sabia que eu gostava de ouvir gemido de búzio. Mal se aproximavam, ainda vinham lá pelos limpos dos Resfriados, eu já sabia que se tratava duma boiada de *Canapu*. Não era pra outra coisa não. Era porque ele fazia de propósito. Sentava a boca no chifre velho com toda sustância do peito. Era o que dava! Os gemidos saíam quasi que emendados um ao outro. Assim como se fosse um gemido grande, sem começo e nem fim. Um só gemido, cortado aqui, ali e acolá, apenas para tomar fôlego. Daí a pouco o gaúcho apontava. E Chico Pezinho sempre vinha bem na frente da primeira maloca. Vinha gemendo no búzio. Gemendo. Gemendo... Eu ficava assim escutando, com aquela alegria por dentro. Sim Senhor... Chico Pezinho era mesmo meu amigo. Era só pra eu saber logo que era ele, que gemia tanto no búzio quando se aproximava. Era também porque sabia que eu gostava de ouvir gemido de búzio. Chico Pezinho era mesmo meu amigo de verdade.

Certa vez ouvi alguém dizer como era que se fazia uma boiada arrancar. E fiquei com aquela estória na cachola. Quando ouvia um búzio gemer, antes de correr para arapiraca, eu corria era para o quarto da despensa. Levantava o testo do potinho de sal, enchia as mãos e ia direitinho ao fogão. Corria depois para a arapiraca. Ia mais certo que a boiada arrancaria. Eu tinha mesmo vontade de



## FONTES IBIAPINA | CONTO

Revista PRESENÇA

ver uma boiada arrancar. Como devia ser bonito! Um bocado de bois correndo, numa disparada maluca, por cima de paus e pedras. Como devia ser interessante! Dizia o povo que eles iam sem tino, se arrebatando uns nos outros, em troncos de árvores, em cereas, pedras. Atravessando de supetão rios, lagoas, açudes e tudo o mais que encontravam na frente.

Eu tinha vontade de ver cem ou mais bois atravessando aquela lagoa no maior alarido do mundo.

Certo dia, Madrinha Bebelá me surpreendeu botando sal no fogo. Correu e batê com a língua para a Mamãe. Não foi nada, não foi nada.... Mamãe me passou uns bons cocorotes com aqueles seus dedos finos de juntas duras que nem ferrol. Mas nem por isso deixei de fazer das minhas quando ouvia um búzio gemer. Corria para o pote de sal. Do pote de sal para as tremes. Depois era que me botava para a apiriraca.

Passci um bocado de tempo impressionando. Culpado eu não havia sido. Mas, na certa se trata de castigo. Vcô acontecer "justamente" com quem eu não queria que acontecesse. Aquilo só podia ser espelho que Deus me mostrava.

O búzio gemeu duas, três, quatro vezes, assim quase espremendo um gemido no outro. Ai eu conhei - boiada de Canapul E corri com os companheiros para a apiriraca velha. Daí a pouco o gadão apontou. E ficamos esperando a gada-ma passar!

Pois não é que a boiada arrancou! Nada de bonito como eu pensava. Chega fiquei me tremendo de medo! Com o coração em tempo de saltar pela boca. O gado vinha dividido não sei em quantas malocas. Mas pareceu que era assim como se uma combina. Que eles vinham de língua passada. A maloca da frente arrancou. As demais arrancaram também a um só tempo. Meteram os peitos na lagoa, que foi uma coisa doída! Parecia que a terra ia virando pelo avesso e a água toda ia se derramando nos arcos. Atraversaram a lagoa e se atufaram na caatinga, lá no outro lado. Nunca vi



zoada tão grande! Uma quebra-deira de paus, um trovão estremecendo a terra! Tive mesmo a impressão que o mundo ia se acabar daquela vez.

Os guias das outras malocas conseguiram se desviar. Mas o pobre do guia da maloca da frente... nem gosto de me lembrar. Todo quebrado. Todo lambuzado de sangue misturado com terra. Era assim como de fosse uma coisa de carne sem osso. Quando vi os outros o pegaram e suspenderam-no. Só aquela coisa mole! E os olhos?... Santa Mãe de Deus! Esbugalhados. Ave Maria! Nunca vi cena tão feia!

Até o dia seguinte ninguém me disse nada a cerca do assunto. Só depois que enterraram o corpo, só depois que juntaram o gado e foram-se embora, foi que fui chamado à razão:

- Não minta, meu filho! Mentir é pecado. Você botou sal no fogo.

- Botei não, Mamãe.

- Botou...

- Não botei. Juro como não botei.

- Ora não botou!... Eu conheço a sua cara quando está negando.

- Mamãe, pra falar a verdade, eu botava sal no fogo, quando ouvia um búzio gemer. Mas, quando era búzio de Chico Pezinho, que eu conhecia de longe, não botava.

– É melhor botar a carga abaixo e contar a história direito. Falar a verdade não merece castigo. Você botou sal no fogo para a boiada arrancar,

- Juro como não botei. Chico Pezinho era meu amigo. Fiquei foi cortado de pena. Juro como não botei sal no fogo...



The cover of the magazine features a large abstract painting at the top, depicting a nude woman in a dynamic, flowing pose against a background of vibrant blues, yellows, and greens. Below this is a smaller portrait of the artist, Josefina Gonçalves, sitting in front of her artwork. To the right of the portrait is a green sidebar with the title of the article.

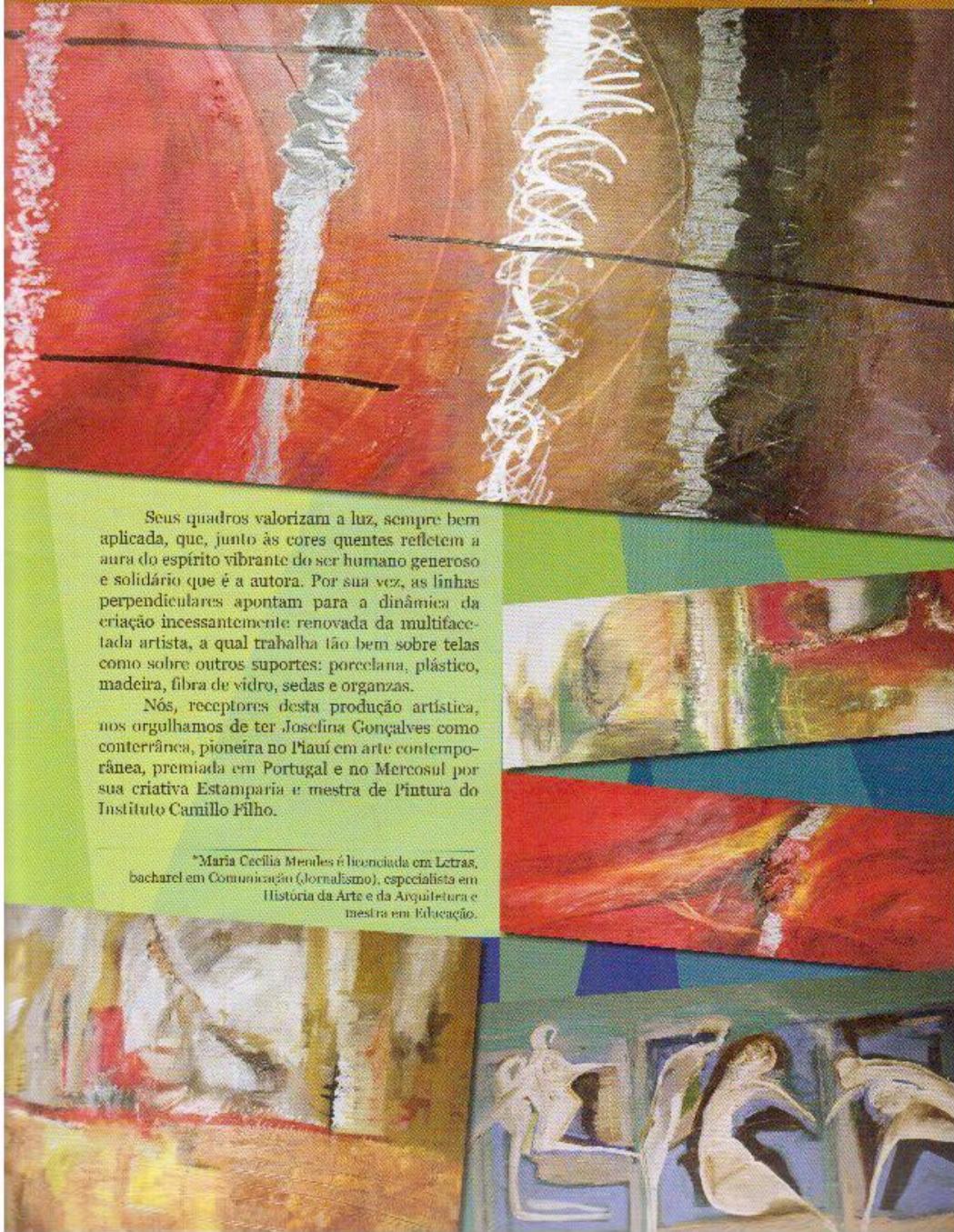
## A Arte de Josefina Gonçalves

Maria Cecília Mendes\*  
Fotos: Acrelano Müller

A arte de Josefina Gonçalves se insere principalmente no chamado estilo contemporâneo em suas vertentes abstratas que se originaram no movimento modernista, surgido no século XIX. Além das obras de temática abstrata em acrílico sobre tela, este estudo fotográfico, evidencia outros caminhos percorridos pela artista: o figurativo na sensualidade dos nus femininos, em que Josefina demonstra domínio total do desenho, resultado de segura formação acadêmica desenvolvida na Bahia. Outra tendência é a integração com a natureza, manifestada pelo emprego de ricos tons de verde e de materiais de origem vegetal que complementam suas telas com belas e originais texturas. Nisto, aliás, vem recentemente aprofundando pesquisas, ao lado de experiências diversas com mandalas.

## ARTES PLÁSTICAS |

Revista PRESENÇA



Seus quadros valorizam a luz, sempre bem aplicada, que, junto às cores quentes refletem a aura do espírito vibrante do ser humano generoso e solidário que é a autora. Por sua vez, as linhas perpendiculares apontam para a dinâmica da criação incessantemente renovada da multifacetada artista, a qual trabalha tão bem sobre telas como sobre outros suportes: porcelana, plástico, madeira, fibra de vidro, sedas e organzas.

Nós, receptores desta produção artística, nos orgulhamos de ter Joseolina Gonçalves como conterrânea, pioneira no Piauí em arte contemporânea, premiada em Portugal e no Mercosul por sua criativa Estamparia e mestra de Pintura do Instituto Camillo Filho.

\*Maria Cecília Mendes é licenciada em Letras, bacharel em Comunicação (Jornalismo), especialista em História da Arte e da Arquitetura e mestra em Educação.

